

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC**

**CURSO DE ARTES VISUAIS**

**KAMILA SORATTO DA SILVA**

**FOTOGRAFANDO PRECONCEITOS: UMA REFLEXÃO SOBRE IDENTIDADE  
CULTURAL ATRAVÉS DA ARTE**

**CRICIÚMA**

**2013**

**KAMILA SORATTO DA SILVA**

**FOTOGRAFANDO PRECONCEITOS: UMA REFLEXÃO SOBRE IDENTIDADE  
CULTURAL ATRAVÉS DA ARTE**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de Bacharel no curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientador(a): Prof. Ma. Edite Volpato  
Fernandes

**CRICIÚMA**

**2013**

**KAMILA SORATTO DA SILVA**

**FOTOGRAFANDO PRECONCEITOS: UMA REFLEXÃO SOBRE IDENTIDADE  
CULTURAL ATRAVÉS DA ARTE**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Bacharel no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa de Processos e Poéticas.

Criciúma, 25 de junho de 2013.

**BANCA EXAMINADORA**

Prof. Edite Volpato Fernandes - Mestra - UDESC - Orientadora

Prof. Marcelo Feldhaus – Especialista em Ensino da Arte - UNESC

Prof. Cristina Bergmann Corrêia – Especialista em Educação Estética - UNESC

**Aos amigos ausentes, amores perdidos,  
velhos Deuses, e à estação das brumas (...)**

**Neil Gaiman**

## **AGRADECIMENTOS**

O que seria deste trabalho sem a colaboração enriquecedora de meus entrevistados? Não tenho palavras para agradecer essas pessoas maravilhosas, que dedicaram alguns minutos para que esse trabalho se tornasse real, e que, de todo coração, participaram resultando em tudo isso por qual estou completamente apaixonada. Yandra, Paulo, Bárbara, Carolina e Fábio, muito obrigada.

Em especial, os queridos Regiany e Mauricio, que aceitaram embarcar nessa experiência maluca e fotográfica; com eles expandi meu olhar de uma forma incrível com uma simples conversa, além de ser plenamente cativada por eles. Aqui nasce uma parceria de tatuadores e tatuada (cliente).

Não poderia deixar de lado meu amigo, assistente e parceiro, que diversas vezes precisou me dividir com um computador, e deixar um pouco de lado nossa vida social. Foi meu fiel escudeiro em toda essa caminhada, não me deixando abandonar um só pensamento e incentivando sempre minha paixão pela fotografia.

À minha orientadora, Edite, que dividiu conhecimentos comigo, abriu meus pensamentos, e sem dúvidas, foi uma peça chave, um anjo iluminando esse caminho atordoado de trabalho, jamais deixando os problemas me abater.

Obrigada em especial à Camile, Mônica, Zaira, Michel, Karize e Janaína, e demais colegas e professores, que em quatro anos compartilharam comigo experiências inesquecíveis, conhecimento, amor e muita arte.

**“Inequivocamente, os estranhos são fornecedores de prazeres. Sua presença é uma interrupção do tédio. Deve-se agradecer a Deus por que eles estejam aqui.”**

**Zygmunt Bauman**

## RESUMO

A presente pesquisa denominada “Fotografando Preconceitos: uma reflexão sobre identidade cultural através da arte” está introduzida metodologicamente na linha de pesquisa de Processos e Poéticas do curso de Artes Visuais – Bacharelado, tendo como objetivo apresentar a instalação artística como possibilidade expressiva de expor os preconceitos sofridos por pessoas que através de modificações corporais expressam sua identidade cultural e divergem dos padrões sociais estabelecidos. Sendo uma pesquisa em arte, é de natureza básica e abordagem qualitativa, cujo embasamento teórico faço em consonância com autores como ARAÚJO (2005), BAUMAN (2005), FLUSSER (2002), GALEANO (2002), LARAIA (1997), LEITÃO (2000) e TEDESCO (2004), de modo a suprir minha necessidade como pesquisa bibliográfica. Também desenvolvo uma pesquisa de campo, onde entrevisto algumas pessoas e as fotografo. À partir do embasamento teórico, em paralelo com a pesquisa, é proposto o desenvolvimento de uma produção artística, onde desenvolvo uma instalação artística utilizando da fotografia como meio expressivo, resultando em uma reflexão acerca da tatuagem, seu uso, e o preconceito enfrentado por pessoas que decidiram delinear sua pele. Ambos, pesquisa teórica e produção artística, dialogam na busca da problemática: é possível demonstrar através de uma instalação artística, que modificações corporais podem simbolizar identidades e abordar preconceitos? E enfim, talvez outras perguntas surjam, o que depende muito do olhar do apreciador.

**Palavras-chave: Tatuagem. Preconceito. Fotografia. Identidade Cultural. Instalação Artística.**

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 - Belle Iréne .....	21
Figura 02 - Lucky.....	22
Figura 03 – Richard Marz, 2012 .....	27
Figura 04 - Hugo Velazquez, 2013.....	28
Figura 05 - Andrea Lavezzaro, 2013 .....	28
Figura 06 - Primeiro esboço .....	33
Figura 07 - Outro esboço .....	33
Figura 08 - Cada marca do seu corpo tem uma história .....	34
Figura 09 - Seu corpo. Suas marcas. Suas histórias .....	35
Figura 10 - Olhar preto-e-branco.....	40
Figura 11 - Produção final .....	40



## SUMÁRIO

<b>1 NA PELE: INSCRIÇÕES E CICATRIZES</b> .....	<b>11</b>
<b>2 (DES)CONSTRUINDO O EU: CULTURA E IDENTIDADE CULTURAL</b> .....	<b>14</b>
<b>3 MODIFICAÇÕES CORPORAIS E PRECONCEITO: SONHO E PESADELO</b> .....	<b>18</b>
3.1 BREVE HISTÓRIA DA EVOLUÇÃO DA TATUAGEM NA SOCIEDADE .....	20
<b>4 O OLHAR FOTOGRÁFICO</b> .....	<b>24</b>
4.1 FOTOGRAFIA À <i>FLOR DA PELE</i> .....	26
<b>5 DELINEANDO A PESQUISA</b> .....	<b>30</b>
<b>6 OLHARES QUE REFLETEM A TATUAGEM: PROCESSO DE CRIAÇÃO</b> .....	<b>33</b>
6.1 PRIMEIROS TRAÇOS .....	33
6.2 FACES DO PRECONCEITO.....	35
<b>7 O QUE VOCÊ VÊ?</b> .....	<b>43</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>45</b>
<b>APÊNDICE(S)</b> .....	<b>47</b>
APÊNDICE A - ENTREVISTA COM YANDRA DOMINGUES BARBOZA.....	44
APÊNDICE B - ENTREVISTA COM PAULO ROBERTO DOMINGOS .....	45
APÊNDICE C - ENTREVISTA COM MAURICIO MEIS ALVES E REGIANY SCHIESTL SILVEIRA.....	46
APÊNDICE D - ENTREVISTA COM CAROLINA MACHADO NASCIMENTO .....	52
APÊNDICE E - ENTREVISTA COM BÁRBARA FERNANDES COSTA .....	53
APÊNDICE F - ENTREVISTA FÁBIO PEREIRA.....	55
APÊNDICE G - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DO PARTICIPANTE .....	59

## 1 NA PELE: INSCRIÇÕES E CICATRIZES

Com o passar dos tempos, vejo o preconceito se disseminar dentro da sociedade em suas variadas formas e bordões, tornando-se cotidiano, passando tantas vezes despercebido em atos e palavras que ferem e constrangem. Quisera eu, em tão pouco tempo de experiência de vida, poder não ter presenciado e sentido em minha própria *pele*<sup>1</sup> tal desprezo. Acredito que só quem experimentou tamanha sensação, seja ela relacionada à identidade, estética, ideais ou mesmo o próprio modo de vida, pode dizer o quão confuso é se sentir fora de encaixe. O pior é, que enquanto não descobrimos que esse encaixe mal faz diferença, nós fazemos a diferença.

Sempre mantive uma ligação muito forte com a tatuagem; entre todas as modificações corporais possíveis, ter parte da minha pele delineada por algo que remete a quem eu sou me causa um grande encantamento. Iniciei minhas tatuagens aos 18 anos, um tanto desmotivada pela família, que alimentava um medo por qual julgamento a sociedade iria manter sobre mim. Com o passar das tatuagens, olhares que de início eram apenas curiosos, passaram a também divergir entre repulsa e medo. Porém há um ano, no meu ambiente de trabalho, sofri duas agressões verbais, e tal situação me deixou completamente desorientada. Como uma pessoa que não me conhece pode julgar o que é bom ou não para mim? Como pode julgar quem eu sou?

Acredito que em uma sociedade que tem uma identidade pré-estabelecida, sólida, regrada, o diferente choca, por mais que este diferencial seja você mesmo. Dessa forma, algumas vezes temos a necessidade de lutar contra tais valores morais, que ferem a dignidade humana, censuram o direito de exprimir as individualidades, e submetem o ser humano a assumir padrões de comportamento, que raramente correspondem a sua real necessidade.

Um dos modos mais ignorantes e repugnantes de delimitar e causar temor é através do preconceito; as pessoas creem que estar fora dos padrões que a sociedade impõe as tornam aberrações, quando para piorar ainda sentem-se no direito de desrespeitar e impor ideais que não condizem com a identidade de outro indivíduo.

---

<sup>1</sup>Denominando sentido de vivenciar como experiência própria uma sensação; e epiderme, sendo que a autora do trabalho tem a pele tatuada.

Com essas imposições, ingenuamente subordinadas e sentindo-se excluídas, algumas pessoas sofrem influência do meio, e a identidade vista de forma unificada, que até então se manteve estável na sociedade, se fragmenta criando outras. Essa crise de identidade acaba mudando nossa identidade pessoal, estremecendo a ideia que temos de nós próprios como sujeitos, fazendo com que de acordo com o contexto e o ambiente, nos mostremos de uma forma, seja ela para adaptação, refúgio, protesto ou proteção.

A frase de Sebastião Salgado (2000): “*desejo que cada pessoa que entre em uma de minhas exposições seja ao sair uma pessoa diferente*”, foi inspiradora para iniciar minha pesquisa, e me persuadir a utilizar como linguagem o que hoje é a forma mais popular, além de ser uma das mais bonitas para eternizar momentos: a fotografia; e ironicamente é uma das mídias encarregadas em constituir padrões sociais, principalmente de beleza. Porque não unir isso?

A questão central da pesquisa converge na seguinte indagação: é possível demonstrar através de uma instalação artística, que modificações corporais podem simbolizar identidades e abordar preconceitos? Logo, meu objetivo principal com este trabalho é apresentar a instalação artística como possibilidade expressiva de expor os preconceitos sofridos por pessoas que através de modificações corporais expressam sua identidade cultural e divergem dos padrões sociais estabelecidos.

Como em uma pesquisa, há a presença de questionamentos, pois são eles que impulsionam e nos ajudam a trilhar um caminho à partir do nosso objetivo principal. Ao delimitar meu tema como tatuagem, preconceito e fotografia, inicio com as seguintes questões: o que é cultura, como ela se constitui e de que modo interfere na identidade de cada um? De que forma podemos questionar o julgamento das pessoas através de uma instalação artística utilizando o meio fotográfico? A fotografia tem apresentado imagens de modificações corporais? Quais fotógrafos destacam-se? Existe relação entre as modificações corporais e o desejo de simbolizar identidades? Como uma instalação artística pode abordar os preconceitos sofridos por pessoas tatuadas?

Tais questões iniciam uma aproximação à minha fundamentação teórica, no intuito de alcançar alguns dos objetivos específicos que são: fundamentar as concepções de modificações corporais, identidade cultural, preconceitos e instalação artística, pesquisar sobre modificações corporais e os preconceitos da sociedade,

investigar imagens e profissionais da fotografia que tratam de tatuagem, questionar o julgamento feito às pessoas que através de modificações corporais expressam sua identidade cultural e elaborar uma instalação artística utilizando do meio fotográfico.

Este trabalho é dividido em sete capítulos. Início o primeiro capítulo expondo minha justificativa, sendo o porque de meu envolvimento com o tema, e introduzo meu problema, questões norteadoras e objetivos. O segundo capítulo intitulado: (Des)construindo o eu: cultura e identidade cultural, utilizo principalmente de Laraia (1997), Bauman (2005) e Hall (2005) para abordar sobre os conceitos e conflitos de identidade. Ao esclarecer a ligação desta com as modificações corporais, proponho no capítulo seguinte, algumas autoras como Canton (2009) e Araújo (2005) que tratam dos adornos do corpo como forma de linguagem. O terceiro capítulo é subdividido, narrando a tatuagem, modificação corporal mais usual, em todo decorrer da sua história até seu uso na atualidade. Já no quarto capítulo chamado: Olhar fotográfico, são discutidas algumas questões da fotografia conciliada às artes, em sua prática poética; ainda neste capítulo me remeto, em uma subdivisão, abordando a tatuagem dentro do meio fotográfico. No quinto capítulo exploro Zamboni (2006), Minayo (2004) e Gil (1999) descrevendo meu processo de pesquisa de forma metodológica. No capítulo posterior, relato detalhadamente minha experiência de campo e o desenvolvimento da produção artística. E no último capítulo, reflito sobre a pesquisa e apresento meu crescimento artístico.

À vista disso, anseio que ao ler meu trabalho de conclusão de curso e através das fotografias, as pessoas se sensibilizem, sintam-se responsáveis pelo seu pré-julgamento; mas principalmente reflitam sobre suas atitudes, e até mesmo se encorajem a expressar-se.

## 2 (DES)CONSTRUINDO O EU: CULTURA E IDENTIDADE CULTURAL

O eu em contraponto a sociedade, e a cultura em relação à identidade são temas que rendem variadas discussões entre autores nas ciências sociais. Hoje não nos referimos às identidades como grupos fechados, como por exemplo, étnicos, em mundo de diversidade elas se tornam híbridas e instáveis. Então é importante esta reflexão do eu enquanto constituição de identidade cultural, já que é uma construção individual e incessante, mas que também implica na contribuição coletiva enquanto sociedade.

Segundo Michel de Certeau (2001, p. 194) podemos denominar cultura como: “[...] comportamentos, instituições, ideologias e mitos que compõem quadros de referência e cujo conjunto, coerente ou não, caracteriza uma sociedade como diferente das outras.”.

Compreendemos assim que cultura é o modo como agimos e/ou no que acreditamos; são valores, sejam eles herdados ou adquiridos do meio social. A cultura faz parte do nosso cotidiano, está presente no modo como comemos, caminhamos, falamos e nos vestimos e influencia diretamente em nossa identidade.

O modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais são assim produtos de uma herança cultural, ou seja, o resultado da operação de uma determinada cultura. [...] indivíduos de culturas diferentes podem ser facilmente identificados por uma série de características, tais como o modo de agir, vestir, caminhar, comer, sem mencionar a evidência das diferenças linguísticas, o fato de mais imediata observação empírica. (LARAIA, 1997, p.68).

As identidades são constituídas à partir do contato do sujeito com a sociedade. Além da essência de cada um, é preciso manter relação com o mundo externo, à condição de conhecer novos valores, e conseqüentemente novas identidades. Segundo Hall (2005, p.11):

[...] a identidade é formada na “interação” entre o eu e a sociedade. O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o “eu real”, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais “exteriores” e as identidades que esses mundos oferecem.

Esse contato é de extrema importância para a estruturação do eu, já que a formação de uma identidade gera um sentimento de segurança em cada pessoa.

Porém é importante estar aberto para o novo. Só assim o sujeito é capaz de constituir argumentos, opiniões, e conseqüentemente, identidade.

Embora possa parecer estimulante no curto prazo, cheio de promessas e premonições vagas de uma experiência ainda não vivenciada, flutuar sem apoio num espaço pouco definido, num lugar teimosamente, perturbadoramente, “nem-um-nem outro”, torna-se a longo prazo uma condição enervante e produtora de ansiedade. Por outro lado, uma posição fixa dentro de uma infinidade de possibilidades também não é uma perspectiva atraente. Em nossa época líquido-moderna, em que o indivíduo livremente flutuante, desimpedido, é o herói popular, “estar fixo” - ser “identificado” de modo inflexível e sem alternativa - é algo cada vez mais malvisto. (BAUMAN. 2005, p.35).

Assim a identidade torna-se uma chamada celebração móvel, sofrendo constantes interferências dos sistemas culturais que a rodeiam. Porém, estas mesmas mudanças que estruturam o eu, questionam o indivíduo, que passa a estabelecer afinidade com um leque de identidades, causando confusão em sua definição pessoal: a chamada crise de identidade.

Em uma sociedade que ambienta diversas culturas em um mesmo meio, fica fácil imaginar como são comuns os conflitos culturais. Estamos sempre em constante mudança de valores, e a cada novo valor geram-se novos conflitos. De acordo com Laraia (1997, p.98):

Cada mudança, por menor que seja, representa o desenlace de numerosos conflitos. Isto porque em cada momento as sociedades humanas são palco do embate entre as tendências conservadoras e as inovadoras. As primeiras pretendem manter os hábitos inalterados, muitas vezes atribuindo aos mesmos uma legitimidade de ordem sobrenatural. As segundas contestam a sua permanência e pretendem substituí-los por novos procedimentos.

A causa principal desses estranhamentos culturais segue pela linha de pensamento social onde se acredita existir um padrão de valores, estes determinados pela sociedade em geral, cujos conservadores desejam manter e os inovadores desejam quebrar. É à partir deste padrão que os novos valores são julgados, determinando assim se estão dentro dos limites morais, agregando ou não algo aos indivíduos. Essa visão hierarquizada, que determina uma cultura ser superior à outra é conhecida como etnocentrismo; um conceito muito presente na sociedade moderna.

O fato de que o homem vê o mundo através de sua cultura tem como consequência a propensão em considerar o seu modo de vida como o mais correto e o mais natural. Tal tendência, denominada etnocentrismo, é responsável em seus casos extremos pela ocorrência de numerosos conflitos sociais. (LARAIA. 1997, p.72).

É durante muitos desses momentos de crise e conflitos que algumas pessoas são manipuladas pelo meio, e se estabelecem dentro dos padrões, ingenuamente crendo na fantasia de uma identidade unificada, mascarando o eu, vivendo refugiado dos seus verdadeiros ideais, compreendidos pela sociedade como errôneos, exatamente pelo fato de serem diferentes. Bauman (1998, p.38) explica:

Enquanto é uma necessidade intensamente sentida e uma atividade eloqüentemente encorajada por todos os meios de comunicação cultural autorizados a própria pessoa fazer uma identidade, ter uma identidade solidamente fundamentada e resistente a interoscilações, tê-la "pela vida", revela mais uma desvantagem do que uma qualidade para aquelas pessoas que não controlam suficientemente as circunstâncias do seu itinerário de vida; um fardo que dificulta o movimento, um lastro que elas devem jogar fora para permanecer à tona.

Os mesmos meios de comunicação que até então tinham como uso, a geração de informações, aproximação de pessoas e disseminação de conhecimento, hoje servem também de meio para discriminação cultural. A mídia expressa um padrão cultural que passa a ser imposto de forma direta ou indireta, influenciando indivíduos a agirem somente dentro dos valores considerados íntegros.

Eles penetram em todas as esferas da vida social, no meio urbano ou rural, na vida profissional, nas atividades religiosas, no lazer, na educação, na participação política. Tais meios de comunicação não só transmitem informações, não só apreçoam mensagens. Eles também difundem maneiras de se comportar, propõem estilos de vida, modos de organizar a vida cotidiana, de arrumar a casa, de se vestir, maneiras de falar e de escrever, de sonhar, de sofrer, de pensar, de lutar, de amar. (SANTOS. 1984, p. 69).

Mas como em toda sociedade há suas exceções, existem também aqueles que querem quebrar os conceitos padronizados, se não são submissos aos meios de comunicação. Os mesmos que costumam gerar grandes conflitos e preconceitos sociais. Como sugere Bauman (1998, p. 37): "O que faz certas pessoas estranhas e, por isso, irritantes, enervantes, desconcertante se, sob outros aspectos, 'um problema', é [...] sua tendência a obscurecer e eclipsar as linhas de fronteira que devem ser claramente vistas."

Esses sujeitos não se apoiam em um ideal de identidade fixa, mas em um novo aspecto sobre as identidades dentro da sociedade, sem a interferência regrada do meio. Por não se permitirem manipular, a maioria é vinculada à desordem, sendo julgado de forma injusta.



### 3 MODIFICAÇÕES CORPORAIS E PRECONCEITO: SONHO E PESADELO

Conforme já contextualizado no capítulo sobre identidade, estamos em uma sociedade completamente visual, e repleta de padrões preestabelecidos. Uma época na qual a identidade, influenciada pelos meios que nos rodeiam é posta em questão todos os dias. A sociedade vem tentando de toda maneira desestabilizar nossos ideais como forma de provar que tais valores não são apropriados.

Nessa procura por fortalecer a identidade, o indivíduo entra em uma busca por tornar-se singular. Sendo seu corpo e sua pele um espaço onde se tem o próprio controle, considerando ser uma superfície remodelável, são utilizadas as chamadas modificações corporais, que além de transformar o corpo em parte integrante de seus ideais, serve como meio de protesto contra os padrões sociais.

Tatuagens, piercings, maquiagem, cirurgias plásticas, escarificação, pinturas, queimaduras (branding), além de vestimentas e adornos corporais – são maneiras de construir a relação de identidade e alteridade por meio do próprio corpo. Ele é afinal, nossa existência materializada e estetizada. Ao longo do tempo e em diversas culturas o corpo tem sido modificado de maneira consciente, com intenções que respondem tanto a uma diferenciação, a uma singularização de determinado corpo, como a uma atitude de localização dentro de um grupo, uma marca de pertencimento. (CANTON. 2009, p.35).

A pele, que até então era apenas um órgão que nos envolvia, e o nosso corpo considerado uma obra da natureza, passa a ser meio de comunicação, afinidade, identidade; agora ela conta parte da sua história e de quem você é. Sendo um prolongamento da nossa mente, do qual se institui ideias, emoções e linguagens, em sua subjetividade, produz sentidos que representam desde sua cultura à desejos e emoções, assim sendo o seu mundo simbólico.

Em todas as épocas e lugares do mundo, o homem usa o corpo como linguagem. Muitas vezes, escrevendo na própria pele uma espécie de diário da sua vida: tatua uma rosa no braço com o nome da amada; pendura um brinco na orelha no dia do nascimento, espeta uma vareta de bambu no lábio para mostrar que chegou a adolescência; carimba o desenho de um pássaro no peito para representar o seu povo... É o corpo que se enfeita para ser belo, diferente e mágico. (ARAÚJO. 2005, p.7).

As modificações corporais existem desde os tempos primitivos, quando o homem já usava a tatuagem como modo de se identificar em um grupo, e marcar certas passagens da vida. Araújo (2005, p.21) afirma que: “a comunicação através

do corpo muda com o passar do tempo, de cultura para cultura e de região para região. Mas continua a desempenhar funções de identidade, memória, poder e beleza entre a maioria dos povos [...]”.

O que difere as modificações corporais do uso de vestimentas, corte de cabelo, quanto a usar ou não barba, é principalmente o fato de que tem a característica definitiva. Por mais que hoje já hajam recursos de reversão, as novas intervenções sob essas modificações já são consideradas novas modificações.

Porém, essa *linguagem cutânea*<sup>2</sup>, está marcada também por um passado de marginalidade, que estereotipa indivíduos até hoje. Bauman (2005 p.38) aponta que: “em nosso mundo de “individualização” em excesso, as identidades são bênçãos ambíguas. Oscilam entre o sonho e o pesadelo, e não há como dizer quando um se transforma no outro.”, ou seja, ao mesmo tempo em que se recorrem às modificações como modo de manifestar a identidade, continua-se sofrendo forte repressão social, principalmente através do preconceito.

Podemos definir preconceito como um juízo pré-concebido, o que segundo Ferreira (1999), no Dicionário Aurélio, define-se como:

[De pre- + *conceito*.] S. m. 1. Conceito ou opinião formados antecipadamente, sem maior ponderação ou conhecimento dos fatos; idéia preconcebida. 2. Julgamento ou opinião formada sem se levar em conta o fato que os conteste; prejuízo. 3. P. ext. Superstição, credice; prejuízo. 4. P. ext. Suspeita, intolerância, ódio irracional ou aversão a outras raças, credos, religiões, etc.

O berço do preconceito é a visão cegada pela intolerância e guiada pela generalização; não passa apenas de uma não aceitação perante o desconhecido e/ou diferente, mas se manifesta através de atitudes discriminatórias, hostis e negativas. É difícil falar do desconhecido e diferente, sem falar de preconceito. Os grandes movimentos, alguns que hoje passam despercebidos nas nossas vidas, passaram em algum momento por uma fase de rejeição e discriminação; o desconhecido é contemplado com olhares, sejam eles de medo, curiosidade, admiração ou desprezo.

Ainda há um retrocesso de pensamento referente à tatuagem, como na idade média, muitas pessoas ainda hoje julgam essa modificação corporal como um sacrilégio ou desmoralização do corpo, há um constante julgamento de caráter

---

<sup>2</sup>Linguagem cutânea se refere à comunicação de algo se utilizando da pele, nesse caso toda e qualquer modificação corporal confeccionada nela.

perante as pessoas modificadas. Deste modo, indivíduos perdem oportunidades no mercado de trabalho, se veem excluídos de uma sociedade por ser quem são. Suas marcas, parte de uma história, são vistas de forma marginalizada, causam estranhamento e desconforto social.

### 3.1 BREVE HISTÓRIA DA EVOLUÇÃO DA TATUAGEM NA SOCIEDADE

Toni Marques (1997 apud LEITÃO, 2004, p.3) relata sobre o mais antigo homem tatuado encontrado, conhecido por Homem do Gelo, datado como 5300 a.C., que possuía várias partes de seu corpo cobertas por tatuagens. O autor, ainda cita sobre a descoberta de múmias tatuadas, como Amuet da XI Dinastia, cujo corpo era gravado com símbolos que representavam a fertilidade.

Mais tarde, essas marcas passaram a causar surpresa nos navegadores, que em suas viagens observaram as tribos com adornos e pinturas. Para as tribos, tinham simbologia de proteção, pertencimento à um grupo, iniciação ou reconhecimento social.

Na Idade Média, de acordo com Fonseca (2003, p.19), com o Cristianismo, que cultua o corpo como algo sacralizado, sendo imagem e semelhança à de Deus, essas práticas corporais passaram a ser proibidas.

Segundo Marques (2009), a tatuagem teve seu ápice quando o capitão inglês James Cook, em uma de suas viagens, conheceu a tradição desenvolvida na Polinésia, da qual os homens eram decorados na pele da cabeça aos pés. A prática era rústica, pois se utilizavam de ossos de passarinho ou espinhas de peixe para perfurar e injetar pigmentos a base de carvão e ferrugem. Foi Cook, que em 1775, em seu retorno para Europa, levando Omai, um homem polinésio tatuado, que disseminou essa prática pelo continente.

Conforme Krakow (1994 apud LEITÃO, 2004, p.3), a palavra taitiana *tatau*<sup>3</sup> que deu origem no inglês à *tattoo*<sup>4</sup> é uma onomatopeia do som durante o processo de tatuar: tah-tah-tow.

Quando em 1891, O'Reilly desenvolve um aparelho de tatuar em Nova Iorque, o processo que anteriormente era primitivo e dolorido, passa a se tornar

---

<sup>3</sup>Tatau, do taitiano: tatuagem. Disponível em: <http://pt.glosbe.com/ty/pt/tatau>

<sup>4</sup>Tattoo do inglês, de acordo com o Dicionário Michaelis significa: tat.too<sup>1</sup> n 1 toque de recolher. 2 ação de bater, rufo. vt dar o toque de recolher. tat.too<sup>2</sup> n tatuagem. vt tatuar. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/moderno/ingles/index.php?lingua=ingles-portugues&palavra=tattoo>

rápido e popular; espalhando lojas de tatuagem por toda a América do Norte (CAURUCHET,1995 apud LEITÃO,2004, p.4).

Na década de 20, a tatuagem invadiu os circos, tornando as pessoas com tais modificações partes de um espetáculo exótico. Eram principalmente as performances com mulheres que chamavam atenção e destacaram-se Betty Broadbent, Trixie e Belle Irène. (figura 01) (SCHIFFMACHER,1996 apud LEITÃO, 2004, p.5).

FIGURA 01. Belle Irène.



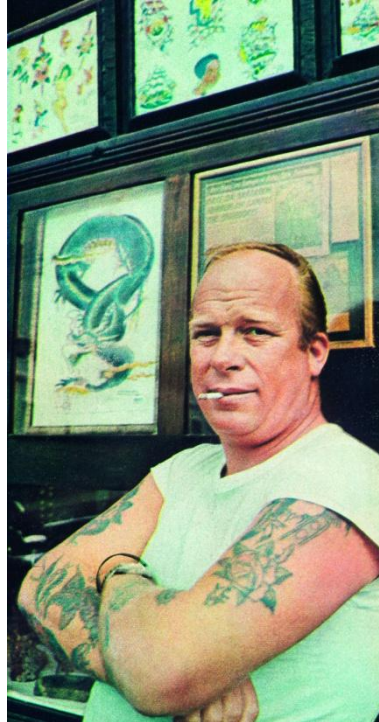
Fonte: [<http://www.natemaas.com/>]

Ainda de acordo com Schiffmacher (1996 apud LEITÃO, 2004, p.5) durante os anos 50 a tatuagem continuou a fazer parte das classes marginais, entre elas os marinheiros, soldados e prostitutas, e foi no período dos anos 60 e 70, que integrou o movimento de contracultura da indústria pop, servindo de forma de protesto social, fazendo parte da pele de pacifistas Híppies e da cultura Rock'n Roll.

Como relata Marques (2009), a tatuagem chegou no Brasil, também, por meio dos portos, se disseminando entre a classe marginal. Existiam tatuadores nômades, e sua permanência variava de acordo com a quantia que recebiam por seus trabalhos. O primeiro tatuador a se firmar no país foi KnudHarldLikkeGregersen, ou melhor, Tatto Lucky (figura 02) como era chamado. O

ex-marinheiro dinamarquês teve seu trabalho reconhecido na década de 70, através dos corpos tatuados de surfistas.

FIGURA 02.Lucky.



Fonte:[<http://www.revistabrasileiros.com.br/>]

Ainda segundo Marques (2009), entre os surfistas tatuados por Lucky, está José Artur Machado, o Petit, homenageado nos versos de Caetano Veloso na música *Menino do Rio*<sup>5</sup>. À partir deste momento a tatuagem entrou em uma nova fase, embalada pela mídia, com maior aceitação, estampou muitos corpos através da moda, e demais significados.

Por um lado, essa popularização promoveu um novo olhar das pessoas, incentivando a aceitação do outro; entretanto, ao compararmos o sentido da tatuagem desde o início da sua história até hoje, é visível a mudança do seu conceito. Anteriormente sendo usada principalmente como modo de expressão de identidade e história, veio tomando conceito apenas estético, vulgarizando-se em relação ao seu passado. É comum conversarmos com pessoas que não remetem significado ao que tatuaram, apenas a acharam bonita.

---

<sup>5</sup> Os versos da música de Caetano dizem: “Menino do Rio/ Calor que provoca arrepio/ Dragão tatuado no braço/ Calção corpo aberto no espaço/ Coração, de eterno flerte/ Adoro ver-te.”. A música se tornou popular ao tocar na abertura da novela *Água Viva*, da Rede Globo em 1980, além de participar de um filme dirigido por Antônio Calmon em 1981.

Atualmente já existem profissionais que trabalham exclusivamente com modelos alternativos, estes compõem em seu visual com as mais diferentes modificações corporais, e geralmente tem seus corpos cobertos por tatuagens. Podemos citar: as revistas como *Inked*<sup>6</sup>, *SkinArt*<sup>7</sup>, *UrbanInk*<sup>8</sup>, *Sexy Ink*<sup>9</sup>, além do famoso grupo *Suicide Girls*<sup>10</sup>, e a indústria pornográfica da *XplasticAltPorn*<sup>11</sup>; sendo que são só as mais conhecidas mídias específicas para este público.

---

<sup>6</sup> Disponível em: <http://www.revistainked.com.br/>

<sup>7</sup> Disponível em: <http://www.skinart.com/>

<sup>8</sup> Disponível em: <http://www.urbanink.com/>

<sup>9</sup> Disponível em: <http://sexyinkmag.com/>

<sup>10</sup> Disponível em: <http://suicidegirls.com/>

<sup>11</sup> Disponível em: <http://www.xplastic.net/>

## 4 O OLHAR FOTOGRÁFICO

Olhares são expressivos, carregados de sentimentos e vivências, tocam e o mundo e deixam-se por ele ser tocado. É preciso estar aberto a construção de um olhar sensível seja enquanto arte ou a própria vida, estar aberto a novas descobertas e sentimentos, treinar a visão cegada do cotidiano a observar de outra forma o que é banal. Sentir, atribuir (novos) significados, ampliar a percepção, apreciar, ir além, buscar; e a fotografia remete muito a isso.

A fotografia começa a ser abordada enquanto arte nos anos de 60 e 70 dentro da *arte conceitual*<sup>12</sup>. Cotton (2010, p.22) relata que:

A arte conceitual usou a fotografia como meio de transmitir ideias ou atos artísticos efêmeros [...]. Da mesma maneira que essa forma de fotografia subverteu os padrões convencionais do que era considerado um ato artístico, também demonstrou um modo mais banal de fazer arte.

Cotton (2010) ainda afirma que a partir disso, a fotografia se posiciona no universo da arte de forma ambígua, ou seja, ao mesmo tempo em que serve como um registro de um gesto artístico, também é utilizada como obra de arte.

Em seu livro *Filosofia da Caixa Preta*, Flusser (2002, p.29) compara o ato de fotografar como a caça, “[...] o fotógrafo não se movimenta na pradaria aberta, mas na floresta densa da cultura.”. E como na caça, os caminhos tem seus obstáculos, distanciando o fotógrafo da presa, é necessário decifrar as condições culturais.

As fotografias nos cercam. Tão onipresentes são, no espaço público e no privado, que sua presença não está sendo percebida. O fato de passarem despercebidas poderia ser explicado, normalmente, por sua circunstancialidade: estamos habituados à nossa circunstância, o hábito a encobre, somente percebemos alterações em nosso cotidiano. (FLUSSER. 2002, p.34)

Com a fotografia cada vez mais presente em nossa vida, buscar alguma compreensão nas imagens é algo considerado desnecessário. Fotos hoje cumprem

---

<sup>12</sup> Para a arte conceitual, vanguarda surgida na Europa e nos Estados Unidos no fim da década de 1960 e meados dos anos 1970, o conceito ou a atitude mental tem prioridade em relação à aparência da obra. O termo arte conceitual é usado pela primeira vez num texto de Henry Flynt, em 1961, entre as atividades do Grupo Fluxus. Nesse texto, o artista defende que os conceitos são a matéria da arte e por isso ela estaria vinculada à linguagem. Fonte: [http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia\\_ic/index.cfm?fuseaction=termos\\_texto&cd\\_verbete=3187](http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=termos_texto&cd_verbete=3187)

o papel de eternizar momentos, estão sendo cada vez mais vistas como algo meramente comercial, perdem o sentido, o sentimento, se tornam artificiais. Henri Cartier<sup>13</sup> (2001) diz: “*O que importa é o olhar. Mas as pessoas não olham. A maioria não observa, só aperta o botão. Eles identificam, mas buscar o sentido disso e disso (aponta para os olhos) são poucos.*”. E quando questionado sobre o que o olho busca, ele responde: “*Essa é a questão.*”.

O homem tem preguiça de olhar, não observa profundamente. Olhar faz parte do nosso dia-a-dia. É o modo despercebido de enfrentar os problemas, de caminhar pelas ruas, de ir e vir. Ver é aproximar, é ter os olhos como lentes de aumento, observadoras, perceptivas a cada detalhe do caminho, a cada rua cruzada, a cada sorriso na rua. Ver algo vai além do olhar. É sentir com o coração, como o próprio fotógrafo diz: “*Fotografar é colocar na mesma linha de mira a cabeça, o olho e o coração.*”. (BRESSION, 1994).

Como por trás de uma pintura há o ideal do pintor, da mesma forma acontece com a fotografia. Cada imagem tem um passado, um presente e também um futuro, e cabe ao fotógrafo transpassar isso. Só assim o espectador passa a observar a fotografia não só como imagem, como por exemplo, ao criticar, o espectador não a faz enquanto imagem técnica, mas enquanto visão poética.

As imagens expressam, mesmo sem o uso de palavras, percebemos isso ao pegarmos um jornal e verificarmos a matéria com foto, esperamos que o texto complemente a imagem, e não vice-versa. A imagem sempre será um fator importante, para não dizer primordial ao tratarmos de formas de linguagem.

[...] Decifrá-las é descobrir o que os conceitos significam. Isto é complicado, porque na fotografia se amalgamam duas intenções codificadoras: a do fotógrafo e a do aparelho. O fotógrafo visa eternizar-se nos outros por intermédio da fotografia. O aparelho visa programar a sociedade através das fotografias para um comportamento que lhe permita aperfeiçoar-se. A fotografia é, pois, mensagem que articula ambas as intenções codificadoras. (FLUSSER. 2002, p.22)

Flusser (2002, p.54) ainda sugere que: “quem contemplar o álbum de um fotógrafo amador, estará vendo a memória de um aparelho, não de um homem.”. Portanto, suas fotos não contam suas vivências e seu conhecimento, mas o que a máquina fotográfica se interessou em clicar; o modo automático que utilizamos em

---

<sup>13</sup> Fala presente no documentário. **BRESSION, Henri Cartier**:L'amour tout court.Raphael O'Byrne, França, 2001.1 DVD (70min): son., color, original language: French.



uma fotografia a faz perder a essência como criação. Então podemos retornar à fala de Bresson, pois não passa de um simples apertar de botão, não há cuidado sobre o que fotografar, muito menos em como fotografar.

Ao abordarmos da fotografia em uma questão poética, normalmente ela vem interligada a um, ou mais conceitos. Porque fotografar isso? Muitas vezes o fotógrafo direcionado pelo olhar, percorre com o equipamento em busca de um enquadramento que vá transcender algo. Esse algo pode ser chamado de assunto, tema, conceito, e é partir dele que é construído um princípio para o olhar. Não é algo que delimita o fotógrafo ou a foto, mas sinaliza um caminho para o profissional. Qual o objetivo final com essa(s) foto(s)?

O trabalho de Sebastião Salgado, por exemplo, é incentivado pelo choque de realidade causado nas pessoas pelo modo de confeccionar belas fotografias através de momentos trágicos. Ele diz (SALGADO, 2000): “[...] *é isso que te leva a se aproximar, ver, fotografar, mostrar, fazer com que a sua fotografia seja um vetor de debate, de discussão.*”.

De forma subjetiva, enquanto o aparelho fotográfico for considerado instrumento para fotografar, podemos chamar seu resultado de arte. Porém, à partir do momento em que ele se transformar em máquina, a fotografia será mero produto de consumo.

#### 4.1 FOTOGRAFIA À FLOR DA PELE<sup>14</sup>

Com a globalização da tatuagem e sua presença constante na mídia, é crescente o número de profissionais conhecidos por se especializar em atender a esse público e seus simpatizantes. Como já citado no capítulo anterior, existem programas de TV, revistas, filmes, sites, também alguns fotógrafos e até mesmo modelos.

Entre profissionais conhecidos internacionalmente por fotografar à flor da pele principalmente as chamadas modelos alternativas, ou seja, com modificações corporais, podemos citar Richard Marz (figura 03) e Hugo Velazquez (figura 04), ambos da Califórnia/EUA. Em entrevista para a revista *Sexy Ink* (2012 - 2013),

---

<sup>14</sup>À flor da pele se dá a algo que esteja em seu estado de máxima sensibilidade. Neste caso quis utilizar esta expressão em seu real sentido, e oportunamente através do jogo de palavras remeter a pele, principal superfície da tatuagem.

ambos falaram um pouco sobre seu trabalho e o que os inspira.

Marz sempre foi apaixonado por filmes clássicos das décadas de 30 e 40, estilo Noir, estes filmes dependiam de efeitos de luz e sombra para dramatizar suas cenas; e é essa essência que o fotógrafo gosta de inserir em seus trabalhos. Seu aprendizado foi exclusivamente dentro de estúdios, auxiliando grandes fotógrafos, impulsionado por paixão, criatividade, pessoas e beleza, sempre se sentindo um grande cineasta por trás das câmeras.



FIGURA 03. Richard Marz, 2012.  
FONTE: [<http://sexyinkmag.com>]

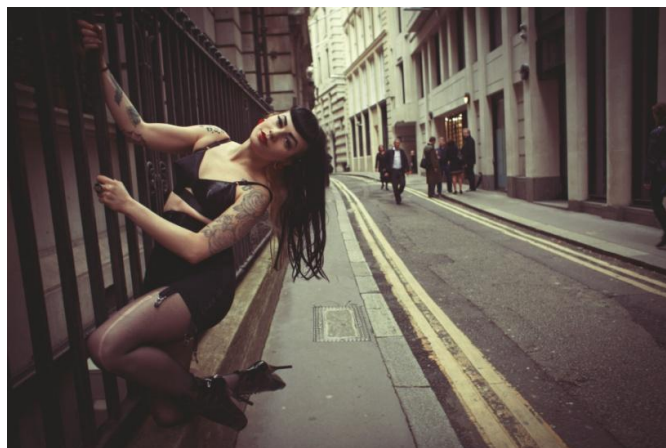
Velazquez viveu cercado de artistas na família, e quando descobriu a fotografia, se apaixonou instantaneamente. O fotógrafo vê fotografia em tudo, paisagens, fotos familiares, crianças, porém sua preferência está em nus artísticos e fotografar modelos alternativas. Ele define em suas palavras: “To me, the female body is the ultimate beauty in life.” (VELAZQUEZ, 2013), ou seja, o corpo feminino é a beleza suprema da vida.

FIGURA 04. Hugo Velazquez, 2013.

FONTE: [<http://sexyinkmag.com>]

Andrea Lavezzaro relatou em entrevista para a Revista Trip (2013), que é brasileira, porém vive na Alemanha, e seu trabalho é marcado por fotografar mulheres como vieram ao mundo. Desde que largou a faculdade de moda para seguir seu sonho profissional com fotografia, Lavezzaro (figura 05) descobriu-se fora do encaixe da movimentada São Paulo, e sentiu a necessidade de procurar novas culturas e lugares. Ainda em 2006, antes de sair do país, ela já iniciou seu trabalho para o grupo das Suicide Girls, especializado em fotografias de mulheres modificadas, e se tornou a única fotógrafa oficial brasileira. A fotógrafa tem seu trabalho influenciado por músicas e livros, e gosta de fotografar o incomum.

FIGURA 05. Andrea Lavezzaro, 2012.

FONTE: [<http://revistatrip.uol.com.br/>]



## 5 DELINEANDO A PESQUISA

Em uma pesquisa dentro do campo artístico não podemos, e nem há como, nos separarmos de uma visão poética, no entanto é imprescindível denominar a cientificidade da pesquisa através do contexto metodológico.

Segundo Zamboni (2006, p.43) a pesquisa é “uma busca sistemática de soluções com o fim de descobrir ou estabelecer fatos ou princípios relativos a qualquer área do conhecimento”.

Este trabalho de conclusão de curso é de natureza básica, e intitula-se “Fotografando Preconceitos: uma reflexão sobre identidade cultural através da arte”. Inscreve-se na linha de pesquisa Processos e Poéticas do Curso de Artes Visuais - Bacharelado da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC, sendo uma pesquisa fundamentada em identidade cultural, tatuagem e preconceito, através da linguagem fotográfica e instalação artística, portanto é algo do qual não se pode quantificar. Minayo (2004, p.21) define a pesquisa qualitativa como aquela que:

[...] trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Enquanto pesquisa, posso dizer também, sendo na área de arte, que ela dialoga com a realização de uma produção artística. Podemos definir a pesquisa de arte como:

[...] aquela elaborada por artistas pesquisadores e que tem como produto uma obra de arte, “aquela relacionada à criação das obras, que compreende todos os elementos do fazer, a técnica, a elaboração de formas, a reflexão, ou seja, todos os elementos de um pensamento visual estruturado”. (CATTANI apud LEITE. 2008, p. 31)

Ao pensarmos hoje em uma obra artística não se vê a necessidade (apenas) do uso de tinta, papel, argila; mas podemos aproveitar tudo aquilo que já faz parte da nossa realidade como luz, som, pessoas, objetos, e transformá-los, recriá-los como arte.

A obra de arte hoje se utiliza de diferentes linguagens na sua constituição; a fronteira entre teatro, música, literatura, plástica é tênue, pois elas se articulam entre si a fim de atingir o seu fim. A nossa sensibilidade, a nossa atenção profunda, é solicitada de maneira específica em cada linguagem.

Seremos mais plenos á medida que fruímos todas elas. (LAMAS. 2007, p.90)

Relacionando os objetivos e o intuito de apresentar uma instalação artística como possibilidade expressiva de expor os preconceitos sofridos por pessoas que através de modificações corporais expressam sua identidade cultural e divergem dos padrões sociais estabelecidos. Dessa forma podemos considerar essa pesquisa como explicativa, nas palavras de Gil (1999, p.44)

[...] são aquelas pesquisas que têm como preocupação central identificar os fatores que determinam ou que contribuem para ocorrência dos fenômenos. Este tipo de pesquisa que mais aprofunda o conhecimento da realidade, porque explica a razão, o porquê das coisas.

Como ficou esclarecido em todo o texto, utilizarei da instalação como meio expressivo. De acordo com Tedesco (2004, p.8), a palavra instalação serviu para unir e designar as mais variadas expressões artísticas, que englobam os campos da escultura, pintura, fotografia, cinema e vídeo, podendo incluir até mesmo performances:

Considera-se que a palavra instalação passou a ser largamente utilizada no campo de relações conceituais da arte contemporânea (década de 80) quando as transformações operacionais e rupturas propostas pelas poéticas tridimensionais desenvolvidas pelos artistas nos anos 60-70, muitas delas realizadas fora dos espaços institucionais como galerias ou museus, passaram a ser consumidas e instaladas nos museus e coleções particulares.

Quando se fala de instalação artística, como afirma Lamas (2007, p.91): “[...] a obra não é mais concebida como um objeto autônomo e móvel, mas como um conjunto com dimensões muitas vezes arquiteturais que propõem ao espectador imergir numa situação.”, ou melhor, ao criar uma instalação artística, há a necessidade de integrar espectador, obra e local, de modo que ambos dialoguem, e tenham como objetivo a compreensão, seja ela individual ou coletiva.

Os procedimentos técnicos usados nesta pesquisa determinam que seja bibliográfica, da qual é desenvolvida a partir de um material já elaborado, constituído principalmente de livros, teses, e artigos científicos, e também uma pesquisa de campo, na qual proponho uma entrevista com perguntas abertas não totalmente preestabelecidas.

Sendo assim, à partir da união da linguagem fotográfica e áudio, proponho em uma instalação expor os preconceitos sofridos por pessoas com modificações corporais, buscando no espectador muito mais que compreensão, mas um questionamento de si, uma reflexão. Porém, o processo será descrito melhor no próximo capítulo.

## 6 OLHARES QUE REFLETEM A TATUAGEM: PROCESSO DE CRIAÇÃO

### 6.1 PRIMEIROS TRAÇOS

Sempre pensei em arte como um sistema que devesse ser sincero. Para mim, a arte deve servir as necessidades profundas de quem a produz, senão corre o risco de tornar-se superficial. O artista deve sempre trabalhar com as coisas que o tocam profundamente. Se lhe toca o azul, trabalhe, pois, com o azul. Se lhe tocam os trabalhos relacionados com a sua condição no mundo, trabalhe então com esses problemas. (PAULINO apud CANTON, 2009, p.31)

A necessidade ao produzir este trabalho, foi enfatizar a ligação que tenho com a fotografia, de modo a empregá-la durante todo o processo. De maneira nenhuma o trabalho de conclusão de curso receberia tamanho carinho e esforços se o mesmo não fizesse parte de mim, do que me representa e do que eu gosto. Decidida a não só utilizar de uma linguagem visual, mas também o áudio como forma complementar, conclui que a melhor forma de construir e elaborar minha produção seria à partir de uma instalação artística.

Esbocei diversas vezes desenhos simples de forma que pudesse unir minhas ideias, sentimentos e pensamentos, ao repassar ao papel, e a partir daí, houve o amadurecer com o passar das minhas leituras e escrita.

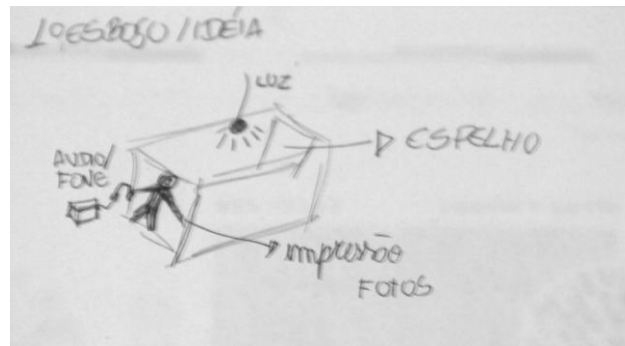
Um dos esboços (figura 06) seria construir uma caixa, pintada de preto, remetendo a *caixa preta*<sup>15</sup>, onde o espectador poderia enxergar o que havia dentro através de um recorte circular. Ao olhar, o mesmo perceberia todo o interior da caixa através do reflexo de um espelho, posicionado do lado oposto ao recorte; o interior seria revestido de fotos de tatuagens fotografadas por mim. Juntamente a este recorte, estaria um fone, sendo o áudio fragmentado de frases de entrevistas com pessoas tatuadas.

---

<sup>15</sup> Remetendo a câmara obscura, é um método do início do século XIX, sendo uma caixa preta com um orifício por onde penetra luz, que permite a reprodução de imagens. Teve base na invenção da fotografia.



FIGURA 06. Primeiro esboço.

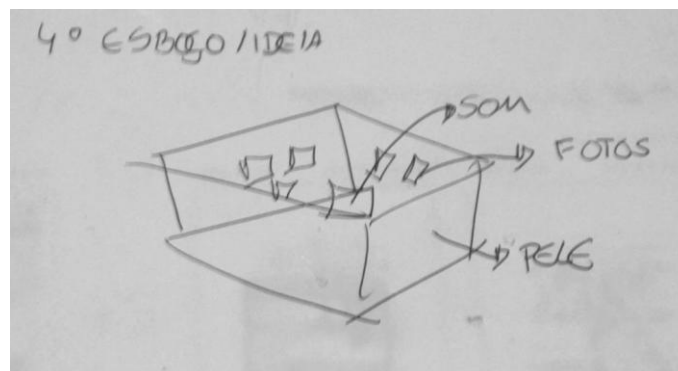


FONTE: Acervo da pesquisadora.

Nesta fase de esboços muito me remetia as seguintes questões: como fotografar o preconceito? Qual a poética desta produção? Sentia que a produção ainda não me pertencia, e vice-versa, e enquanto uma não fazia parte da outra as coisas permaneciam apenas como ideias.

Em outro momento (e esboço) (figura 07), ainda com o pensamento de uma caixa, imaginei paredes forradas de um material semelhante a pele, e de preferência com a mesma textura, nela iria expor imagens, fotografadas por mim, de pessoas tatuadas, enquanto através de uma caixa de som, sairiam trechos das entrevistas.

FIGURA 07: Outro esboço.



FONTE: Acervo da pesquisadora.

Minhas ideias continuavam semelhantes, e da mesma forma buscavam uma peça para encaixe que ainda faltava. A peça surgiu à partir de um livro de Eduardo Galeano, intitulado O Livro dos Abraços (2002, p.16), onde o autor conta a história de Chinolope, que vendia jornais e engraxava sapatos em Havana. Conta a

história, que para deixar de ser pobre foi embora para Nova Iorque e lá ganhou uma máquina fotográfica, porém não sabia usar.

E ele começou a andar pelas ruas. Tinha andado pouco quando escutou tiros e se meteu num barbeiro e levantou a câmara e olhou por aqui e apertou ali. Na barbearia tinham baleado o gangster Joe Anastasia, que estava fazendo a barba, e aquela foi a primeira foto da vida profissional de Chinolope. Pagaram uma fortuna por ela. A foto era uma façanha. Chinolope tinha conseguido fotografar a morte. A morte estava ali: não no morto, nem no matador. A morte estava na cara do barbeiro que a viu. (GALEANO, 2002, p.16)

A fotografia pode ter seu conceito e/ou mensagem subjetiva. Chinolope ao fotografar a expressão do barbeiro, conseguiu captar o instante, sem ao menos precisar fotografar o assassino. Minha resposta surgiu como um estalo: o preconceito que procuro está nas expressões das pessoas.

E aí iniciamos minha (nem tão) longa jornada fotográfica.

## 6.2 FACES DO PRECONCEITO

A tatuagem sempre esteve presente no meu meio social, porém preferi de início divulgar em redes sociais duas imagens solicitando voluntários para minha pesquisa. Usei imagens que pudessem chamar a atenção do meu público alvo, e provocar o interesse dos mesmos. (figura 08 e 09)

FIGURA 08. Cada marca do seu corpo tem uma história



FONTE: Acervo da pesquisadora.

FIGURA 09. Seu corpo. Suas marcas. Suas histórias.



FONTE: Acervo da pesquisadora.

Com poucos voluntários decidi fazer convites diretos, à pessoas que penso que enriqueceriam meu trabalho de alguma forma; conhecedores de tatuagem, alguns que a carregam por opção estética, expressão, e até mesmo modo de vida: tatuadores e tatuados. Seriam datas distintas para cada pessoa, de modo que as deixassem seguras e confortáveis a responder minhas perguntas, se permitissem ficar diante das minhas lentes, e participassem comigo dessa experiência.

Decidi estabelecer algumas perguntas, mesmo sabendo que durante a entrevista outras poderiam surgir, de maneira que pudesse me direcionar no assunto, sem perder o foco da pesquisa.

Em meu primeiro encontro, estive com Yandra Domingues Barboza e Paulo Roberto Domingos, um casal de tatuados que delinearam seus corpos de maneiras completamente opostas. Enquanto Paulo tem seu braço tatuado à partir de valores estéticos, que apenas posteriormente obtiveram algum significado em sua vida, Yandra (Apêndice A) afirma: *“Para mim tatuagem é uma forma de você poder se expressar, não só esteticamente, mas...dizer para as pessoas quem você é.”*

Após aceitarem a experiência de fazer a saída fotográfica, nos dirigimos ao centro de Criciúma, na Praça Nereu Ramos<sup>16</sup>, que estava em pleno ritmo agitado de compras. Pedi que ambos ficassem andando pela praça, e mantive certa distância, para evitar que as pessoas desviassem do ângulo da câmera.

<sup>16</sup> Optei pela praça por seu grande fluxo de pessoas.

Confesso que foi decepcionante, e se em algum momento mantive inseguranças e incertezas na minha pesquisa, a maior delas foi à partir daquele momento. As pessoas acabavam se dirigindo a minha câmera com desprezo, curiosidade, e o que era para ser uma experiência com os tatuados, foi na verdade comigo. O foco se perdeu. Captei pouquíssimas expressões, e estas se remetiam ao meu equipamento.

Após esse acontecimento comecei a me perguntar constantemente: será que esta proposta vai dar certo? Não seria melhor abandonar tudo, recomeçar, trocar de linguagem ou tema talvez? Não, *eu não vim até aqui para desistir agora*<sup>17</sup>. Como no início do capítulo comentei, escolhi a linguagem fotográfica por minha profunda ligação com ela, e nenhuma outra seria capaz de expressar o que quero. A fotografia tem disso, consegue transferir uma parcela enorme de sentimentos, em uma única imagem. Seria banal tratar de preconceitos com palavras ou um vídeo, as imagens falam também, basta decifrá-las.

Mesmo sem decidir que destino tomar, persisti na ideia e entrevistas, a minha seguinte foi com Regiany Schiestl Silveira e Mauricio Meis Alves (Apêndice C) um casal de tatuadores, que em uma longa conversa apontaram a tatuagem como:

*É estilo de vida. [...] depois que tu passa a entender a tatuagem não só como adorno, não só como enfeite, não só como correção de defeito, porque para algumas pessoas isso é também, que tu passa a trabalhar com isso, é muito estilo de vida. Porque tudo que tu faz tu pensa voltado a tatuagem, tu pensa que isso pode ser um desenho para ti, tu pensa que isso pode virar uma tatto para alguém, tu pensa depois que vai trazer benefício ou malefício, entende? [...] É paixão a todo momento, é sempre inovação, é estilo de vida. Definitivamente essa é a melhor definição.*

Mauricio e Regiany tem um estúdio em Criciúma/SC há seis anos, ambos são tatuadores, e convivem diariamente com reações diversas das pessoas na rua. Regiany ainda pontua que carregar uma tatuagem é estar disposto a assumir com responsabilidade três etapas: a pré-tatuagem, ou seja, o momento de escolher o desenho e estar preparado para estampá-lo na pele, o desenvolver da tatuagem, o delinear da pele e o sentimento de dor, e o pós tatuagem, que seria o momento de cuidar dela, e saber que em um mundo repleto de opiniões divergentes, muitas pessoas vão julgar a sua decisão.

---

<sup>17</sup>Trecho da música intitulada Até o Fim, da banda Engenheiros do Hawaii. Disponível em: <http://letras.mus.br/engenheiros-do-hawaii/66868/>

Após a conversa tive a certeza que havia encontrado as pessoas certas para minha saída fotográfica. Determinei que à partir daquele momento, seriam só eles a participar desta experiência, ambos toparam gentilmente. Fazer a saída fotográfica toma tempo, e nem todas as pessoas aceitam facilmente se pôr a frente disso, enfrentando olhares.

Na escolha de como seriam feitas a edição das fotos, fiquei em dúvida entre deixá-las coloridas ou preto e branco. Sebastião Salgado consegue contemplar uma imagem preto-e-branco com emoção que uma foto colorida jamais teria. Flusser (2002, p.39) compreende que:

As fotografias em preto-e-branco são a magia do pensamento teórico, conceitual, e é precisamente nisto que reside seu fascínio. Revelam a beleza do pensamento conceitual abstrato. Muitos fotógrafos preferem fotografar em preto-e-branco, porque tais fotografias mostram o verdadeiro significado dos símbolos fotográficos: o universo dos conceitos.

Assim sendo, as fotografias que seriam feitas das expressões das pessoas optei por torná-las preto-e-branco, de modo que o espectador conseguisse perceber mais profundamente e interpretar seu conceito subjetivo. Porém as outras, que seriam feitas das tatuagens, e pessoas com tais modificações, estariam coloridas. Ambos contrastariam dentro da instalação.

Minha quinta entrevistada foi Carolina Machado Nascimento (Apêndice D), ela é acadêmica do curso de Artes Visuais Licenciatura. Ao temer ter sua competência avaliada, levando em vista suas modificações, optou por reconstruir o lóbulo da orelha e retirar os alargadores; porém pretende continuar se modificando através das tatuagens.

*[...] porque como eu faço licenciatura, eu sei que não vai ser fácil para mim, como professora, ter um alargador do tamanho do que eu tinha. Daí, eu conversei com a minha mãe, a gente procurou uma clínica e fez a cirurgia plástica, mas por quê? Por causa do preconceito, não é fácil, nada é fácil para quem tem tatuagem e alargador.*

Carolina ainda afirma que sente que as pessoas julgam a tatuagem como algo marginalizado, e ainda hoje sofre preconceito ao procurar emprego. Regiany (Apêndice C) ainda comenta que o preconceito não está relacionado apenas em cidades pequenas: “[...] a gente sente, sente todo dia em Criciúma, em cidade de

*interior, tu sente isso andando em São Paulo, tu sente isso andando em todos os lugares. Uns menos outros mais.”*

Fábio Pereira (Apêndice F), outro entrevistado, também tatuador, é pai de uma menina de 3 anos, que em sua inocência já é educada para aceitar a conviver com as diferenças. A pequena costuma colorir as tatuagens inacabadas do pai, além de se colorir também com suas canetinhas hidrocor. Fábio (Apêndice F) ainda comenta sobre o preconceito:

*Enquanto existir a ignorância, enquanto existir o pensamento estúpido vai existir o preconceito. Até porque o preconceito não está só na tatuagem, está na cor da sua pele, está no sexo, está na religião, está no time de futebol até na musica que você curte. (...) uma pessoa preconceituosa quando vê uma pessoa cheia de tatuagens, ela só vê o lado de fora, só vê a aparência, mas ela não sabe dizer se aquela pessoa é uma pessoa com potencial, um ótimo profissional, e que ela te quer bem, e que ela só está ali para te ajudar.*

Então, à partir do momento em que o desenho é escolhido, e se há consciência de um possível preconceito a ser enfrentado posteriormente, nos remetemos à dor do ato. Vale a pena se tatuar apesar da dor? Em outra entrevista com Bárbara Fernandes Costa (Apêndice E), apaixonada por tatuagem, ela me respondeu:

*[..] eu acho que se tu perguntar para o ciclista se vale a pena pedalar quilômetros apesar da dor, ele também vai dizer que vale a pena. É uma dor, mas que te traz uma recompensa. Se tu acha bonito e tá se sentindo bem, recompensa. É a mesma coisa que passar horas na academia. Acho que vale a pena.*

Chegado o grande dia da saída fotográfica, planejei com Mauricio e Regiany para ficarem passeando pelo centro, dando algumas voltas, enquanto eu estaria posicionada a alguns metros de distância, afastada da visão da maioria das pessoas, fotografando.

Me posicionei em um bar, na região central de Criciúma/SC, e pedi que ambos viessem meia hora depois. Um frio na barriga enorme tomou conta de mim, e tentei lidar com todo nervosismo e ansiedade. Como meu equipamento é grande e pesado, precisei me escorar em cima da mesa, para a foto não ficar trêmula, já que estava fazendo uso de uma lente 75-300mm, e optei utilizar do foco automático, já que são instantes, e em um segundo ajustando o foco eu poderia perder muita coisa.

Foi surpreendente, por vezes ri sozinha. Mauricio e Regiany ficaram boa parte do tempo conversando com um grupo de hippies, que estavam vendendo algumas peças artesanais. Eram 11 horas, as lojas estavam lotadas, e o pessoal todo se locomovia rapidamente para encontrar um lugar para almoçar. Muitas pessoas pararam para observá-los, muitas mesmo!

É completamente fácil de diferenciar uma expressão negativa das outras. A tensão estampada nas rugas do rosto, a boca entreaberta, olhos arregalados, cutucões, crianças apontando. Foi uma experiência maravilhosa, que com os olhos marejados posso afirmar que enriqueceu profundamente esta produção.

Fragmentar as expressões capturadas nas fotografias foi uma decisão tomada em parceria com a minha orientadora, pois pensamos muito sobre um modo de não afetar o momento fotográfico e não identificar as pessoas fotografadas. Todas as imagens são reais. De modo algum poderia carregar com orgulho este trabalho se as fotos fossem forjadas, da mesma maneira não poderia pedir a autorização de uma pessoa que está sendo fotografada clandestinamente, colocando em risco o ato fotográfico. Isso tornaria o resultado superficial, e iria interferir completamente nas expressões das pessoas, além do que, muitas não se deixariam fotografar.

Cada imagem carrega em si uma expressão diferente, umas mais fortes que outras, porém o olhar sobressai, como afirma a própria entrevistada Regiany (Apêndice C):

*Além dos atos físicos o olhar acho que é o mais triste que o ser humano passa: olhar de desprezo, olhar de nojo, olhar de medo, olhar de tentando te colocar para baixo, olha fazendo tu se sentir inferior. [...] é o mais fatal, me deixa assustada com o que o ser humano pode fazer, o tão condenatório pode ser um olhar, sendo que tu ta só vivendo a tua vida, tu não esta fazendo ações que possam interferir no bem comum. Tem coisa que o ser humano passa despercebido. Tem gente que agride muito mais as pessoas como um todo e não recebe o olhar que eu recebo.*

Principalmente por essa carga de expressão que carrega um olhar, que a maior parte dos recortes foram feitos nesta área, e destas fizemos uma seleção de 20 imagens que melhor representariam algo dentro deste trabalho (figura 10).

FIGURA 10: Olhar preto-e-branco,

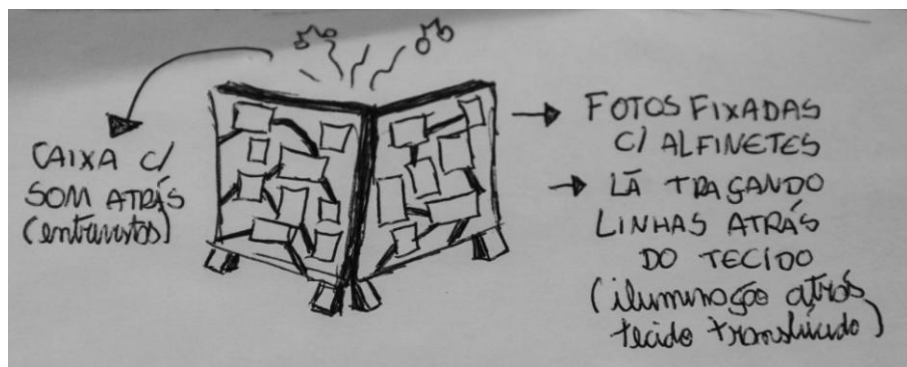


FONTE: Acervo da pesquisadora.

Com o material já escolhido, editado e impresso, o próximo passo seria a edição de áudio. Já com as entrevistas transcritas em mãos, determinei trechos que considero especiais, são diálogos intensos e pessoais, que remetem à uma reflexão diante do tema. Acredito que tanto imagens como palavras tem força, são ferramentas expressivas que despertam ainda mais os sentidos do espectador.

Comecei a pensar na instalação em seu todo, como será montada, quais materiais participariam de sua criação, e de modo que ela possa ser melhor visualizada neste trabalho, a desenhei (figura 11).

FIGURA 11: Produção final



FONTE: Acervo da pesquisadora.

Em armações de madeira semelhantes a biombos, revestidas de tecido cor da pele claro, serão fixadas as fotos. O fato de não colocar a moldura é principalmente devido a sua grande quantidade, para manter a simplicidade das



fotos em sua subjetividade, não realçando nenhum adorno a sua volta, evitando a poluição da instalação com excesso de informação. Assim elas serão fixadas com alfinetes, que aludem ao próprio ato de tatuar onde há a utilização de agulhas.

Valorizando o contexto de pele na produção procurando a melhor forma de manter a aparência de pele humana, decidi tecer com lã escura algumas linhas atrás do tecido, que por ser translúcido, com uma fonte de luz atrás, dá a sensação de semelhança às veias que fazem uma trama no interior do nosso corpo e que muitas vezes aparecem em nossa pele. Logo, firmando a ideia ao fixar as fotos com agulhas, de tecer remetendo a lã, e de dor referente ao espetar da pele, a dor causada pelo preconceito, e também a dor do ato de tatuar.

A sonorização será apresentada com as entrevistas através de uma pequena caixa de som, que ficará atrás do tecido juntamente a iluminação.

## 7 O QUE VOCÊ VÊ?

Iniciei este trabalho na busca de respostas ou de outras perguntas sobre diversas inquietações acerca da tatuagem e do preconceito ocasionado por ela. Carregava comigo apenas minha bagagem de conhecimento acadêmico, algumas leituras, minha admiração e paixão pela tatuagem e fotografia, e minha vivência com preconceito.

Procurei principalmente fundamentar as concepções de modificações corporais, identidade cultural, preconceitos e instalação artística, além de pesquisar sobre modificações corporais e os preconceitos da sociedade e investigar imagens e profissionais da fotografia que tratam de tatuagem.

Compreendi com Bauman (2005) e Hall (2005) que o conceito de identidade é muito transitório, pois estamos sempre em constante mudança de valores, se nos mantivermos firmes diante dessas mudanças nunca vamos compreendê-las, é preciso estar aberto ao novo, sem construir uma barreira em torno de nossas opiniões. Devemos cercá-las apenas como a nossa essência, permanecendo os mesmos, mais caminhando lado a lado com as mudanças, as conhecendo: evoluindo.

A tatuagem, como pude conhecer através de Leitão (2000), é um adorno milenar e que como sugere Araújo (2005) utiliza do nosso corpo como meio de comunicação. Ela representa na essência de cada um, o que gosta, o que viveu, e/ou o que é. Vulgarizada pela moda, e marginalizada por seu passado, ainda é alvo de muitos pré-julgamentos e diversos olhares, mesmo estando muito mais presente na sociedade.

Extasiei-me com trabalhos de alguns fotógrafos, como Lavezzaro, que me surpreendeu em sua forma de tornar do banal algo grandioso e belo, e ao mesmo tempo valorizar em seu princípio a beleza da mulher, seja ela como for. São esses fotógrafos que, como percebi através de Flusser (2002), encontram na fotografia um conceito mais profundo que o estético, que veem o que o olhar desabituaado do cotidiano nos priva de enxergar.

No anseio por apresentar a instalação artística como possibilidade expressiva de expor os preconceitos sofridos por pessoas que através de modificações corporais expressam sua identidade cultural e divergem dos padrões sociais estabelecidos, percebi que a melhor forma para tratar tal tema seria

entrevistando e fotografando pessoas que carregam essas modificações. Pessoas que como eu e você, podem se diferenciar em ideias e atitudes, mas principalmente por um adorno na pele, seja de forma boa ou ruim.

A aproximação se deu dentro deste percurso, da pesquisa de campo, onde conversei com alguns entrevistados. Acredito que esta troca despertou por completo o trabalho, integrou de forma especial com cada palavra e pensamento sensível, e principalmente me mostrou que a tatuagem representa muito mais que a dor e o desenho. É pele, momento, tinta, sangue, e também dor; é o momento de escolher o que tatuar, mas também o momento de se afirmar dentro da sociedade, para si, ou para os outros. Carregar consigo um adorno definitivo, seja ele representativo ou não na sua vida, que pode despertar diversas reações das pessoas. É conviver com saudade, lembrança, preconceito, consigo, para sempre. E como afirma Regiany (Apêndice C) em entrevista: *“o que eu fiz de modificação em mim não foi só por fora, foi por dentro, e isso veio com responsabilidade.”*

Deparei-me com diversas dúvidas e questionamentos, alguns pensamentos de desistência, mais uma a paixão incomum pelo que escrevia, pelas leituras que conheci e compreendi, e principalmente pelo universo da tatuagem. Além disso, minha ligação com a linguagem fotográfica firmou ainda mais os laços, passei a ver mais detalhadamente os olhares, as expressões, e me ocorreu o quão forte e representativo pode ser um olhar.

Quando retorno ao meu problema inicial: é possível demonstrar através de uma instalação artística, que modificações corporais podem simbolizar identidades e abordar preconceitos? Como em tantas outras produções, principalmente instalações, que dependem do espectador principalmente para serem compreendidas (ou não) minha única resposta possível são novas perguntas:

Qual o seu olhar? O que você percebe? O que você vê?

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Leusa. **Tatuagem, piercing e outras mensagens do corpo**. São Paulo: Cosac Naify, 2005.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Bendetto Vecchi**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- \_\_\_\_\_. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- BRESSON, Henri Cartier**: L'amour tout court. Raphael O'Byrne, França, 2001. 1 DVD (70min): son., color, original language: French
- CANTON, Katia. **Corpo, identidade e erotismo**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.
- \_\_\_\_\_. **Da política às micropolíticas**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.
- CERTEAU, Michel de. A cultura na sociedade. In: \_\_\_\_\_. **A cultura no plural**. 2.ed São Paulo: Papirus, 2001.
- COTTON, Charlotte. Se isto é arte. In: \_\_\_\_\_. **A fotografia como arte contemporânea**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Aurélio século XXI: o dicionário da Língua Portuguesa**. 3. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- FLUSSER Vilém. **Filosofia da caixa preta**: ensaios para uma futura filosofia da fotografia. Rio de Janeiro – RJ: Editora Relume Dumará, 2002.
- FONSECA, Andrea Lisset Perez. **Tatuar e Ser Tatuado**: etnografia da prática contemporânea da tatuagem, estúdio: Experience Arttattoo – Florianópolis – SC. Florianópolis: Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, 2003.
- GALEANO, Eduardo. **O livro dos abraços**. 9. ed. Porto Alegre: L&PM, 2002. Disponível em: <<http://www.anarquista.net/wp-content/uploads/2013/03/O-Livro-dos-Abra%C3%A7os-Eduardo-Galeano.pdf>>. Acesso em: 23 abr. 2013.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnica de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10.ed Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- LAMAS, Nadja de Carvalho. A instalação em questão. In: \_\_\_\_\_. **Arte contemporânea em questão**/Nadja de Carvalho Lamas (organizadora). Joinville, SC: UNIVILLE, 2007.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 11. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

LEITÃO, Débora Krischke. **À flor da pele: Estudo antropológico sobre a prática da tatuagem em grupos urbanos**. 2000. 37 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Curso de Ciências Sociais, UFRGS, Porto Alegre, 2000. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/iluminuras/article/view/9186/5280>>. Acesso em: 17 mar. 2013.

LEITE, Maria Isabel. **Educação e as Linguagens Artístico-Culturais: Processos de Apropriação/Fruição e de Produção/Criação**. In: FRITZEN, Celdon; MOREIRA, Janine. *Educação e Arte: As Linguagens Artísticas na Formação Humana*. Campinas: Papirus, 2008.

MARQUES, Toni. **Questão de pele**. *Revista de História da Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro v. 40.n. 4. P. 22-25, jan. 2009.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 23.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

REVISTA TRIP (Org.). **Andrea Lavezzaro: A fotógrafa brasileira que já fez mais de 80 ensaios sensuais para o site Suicide Girls**. Disponível em: <<http://revistatrip.uol.com.br/so-no-site/entrevistas/andrea-lavezzaro.html#2>>. Acesso em: 15 mar. 2013.

SANTOS, José Luiz dos. A cultura em nossa sociedade. In: \_\_\_\_\_. **O que é cultura**. 9 ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, [1984]. (Primeiros Passos 110)

**SEBASTIÃO Salgado: cidadão do mundo**. Aline Sasahara, Rede SescSenac de Televisão, São Paulo, 2000. 1 DVD (50min): NTSC: som, color

SEXY INK (Org.). **Marz Photography**. Disponível em: <<http://sexyinkmag.com/2012/12/18/marz-photography/>>. Acesso em: 15 mar. 2013.

\_\_\_\_\_. **Hugo V Photography**. Disponível em: <<http://sexyinkmag.com/2013/01/29/hugo-v-photography/>>. Acesso em: 15 mar. 2013.

TEDESCO, Elaine. **Instalação: Campo de Relações**. 2004. Dissertação (Pós Graduação) - Centro Universitário Feevale, Porto Alegre, 2004.

ZAMBONI, Silvio. **A pesquisa em arte: um paralelo entre arte e ciência**. 3. ed. rev. Campinas: Autores Associados, 2006.

**APÊNDICE(S)**

## APÊNDICE A – ENTREVISTA COM YANDRA DOMINGUES BARBOZA

### **O que é tatuagem para ti?**

*R.: É uma forma (...) então, para mim tatuagem é uma forma para você se expressar, não só esteticamente (...) mas dizer para as pessoas quem você é.*

### **Então de certa forma ela está ligada com a identidade?**

*R.: Com certeza.*

### **De alguma forma, seja por agressão física, ou verbal, ou até mesmo como comentamos, por um olhar diferente, isso já aconteceu contigo?**

*R.: Já, já várias vezes! Não só pela tatuagem, também como modo de se vestir, eu gosto de deixar elas expostas, o pessoal olha né. Não está muito (...) não é que não está muito acostumado, mas é aquele olharzinho de “ah, você tem tatuagem, credo!”, sabe? Tem gente que olha e gosta, tem gente que olha e faz cara feia.*

### **Tu imagina porque as pessoas tem esse tipo de preconceito?**

*R.: Acho que é porque elas ainda não estão acostumadas, que existem pessoas diferentes, que pensam de modos diferentes, que querem se vestir diferentes, que querem parecer de diferentes. Foge um pouco do padrão da sociedade né?*

### **Tu pretende se tatuar mais?**

*R.: Com certeza! Nossa tem uma lista já de um monte tatuagens! Agora só porque eu dei uma parada, eu já fiz três esse ano, quem sabe no fim do ano ou no natal eu me dê mais uma, mais tem que parar um pouco porque esse negócio de modelo também atrapalha. Atrapalha um pouco, mas assim, depende do lugar onde vou me tatuar.*

### **Tu pretende se tatuar em um lugar mais “escondido”?**

*R.: Isso! Eu tenho vontade de fazer aquela “manguinha”, ou então de ter o braço tatuado inteiro, mas eu sei que isso vai me atrapalhar profissionalmente.*

### **Como acontece a escolha das tuas tatuagens?**

*R.: Normalmente alguma coisa aconteceu comigo, ou eu sei que aquilo vai ter algum significado para mim, da forma como eu penso tudo. Então eu penso assim “alguma coisa aconteceu comigo” como o fato dos meus avós terem falecido, aí tatuei a caveira mexicana, que é em homenagem aos entes queridos mortos. Então é assim sabe, acontece alguma coisa comigo, e eu sinto, e é muito marcante para mim, eu sinto que eu tenho que colocar, deixar exposto, não só pros outros, mas para mim também. Uma forma de memória, de lembrar que aquilo tá ali, que aconteceu, e eu nunca mais vou esquecer. coisa aconteceu comigo.*

### **É a tua história (...)**

*R.: Isso exato, é a minha história.*

### **Achas que a tatuagem esteja se vulgarizando, porque a maior parte das pessoas está procurando só por valores estéticos?**

*R.: Acho que todo mundo é livre para fazer suas escolhas, se quer se tatuar esteticamente, se tatue esteticamente. Eu não tenho nada contra. Eu acho bonito. Eu acho mais legal quando tem significado, que tem uma história por trás.*

### **Já se arrependeu de ter feito alguma?**

*R.: Não! Muito pelo contrário, quanto mais eu faço, mais eu sinto vontade de fazer mais.*

## APÊNDICE B – ENTREVISTA COM PAULO ROBERTO DOMINGOS

### **O que é tatuagem para ti?**

*R.: Para mim é um lance completamente estético, eu nunca quis fazer por algum significado ou coisa assim; tanto que eu demorei muito á fazer porque eu queria achar um desenho que eu realmente gostasse. Eu já queria ter feito essa tatuagem, sei lá (...) uns três anos acho, três, quatro anos, mas nunca tinha achado o desenho que eu queria. Aí eu achei e simplesmente fiz.*

### **Mas esse desenho é só pelo desenho em si, ou tem alguma coisa do Paulo aí?**

*R.: Então, quando eu escolhi o desenho, quando eu procurei o desenho não procurei por nenhum significado, nada assim, mas hoje eu dei um significado para ele. Depois que eu fiz ele, e comecei a olhar para ele, e pelo desenho que é também, eu dei um significado. Não que eu tivesse procurado algo com significado, hoje ele tem um significado.*

### **Tu já sofreu algum preconceito?**

*R.: Diretamente não, só mais é o olhar das pessoas mesmo que é bem comum. Todo dia, a maioria das pessoas que passam por mim sempre dão uma olhada, mais é um lance discreto, é sempre muito disfarçado; a não ser uma pessoa muito mais velha, ela realmente fica olhando, sem se importar (...) tá olhando para ti mesmo.*

### **Tu pretende se tatuar mais?**

*R.: Então, eu ainda nem terminei essa minha. Até dei uma parada, porque quando eu comecei a fazer eu tava muito afim de fazer, aí eu fui no tatuador e ele tinha calculado mais ou menos que ia ser umas oito sessões, só que já foram muito mais que oito. Aí comecei a fazer, e foi indo, foi indo, ai resolvi dar uma parada porque não estava aguentando mais, de ir lá e ficar duas, três horas passando dor. Aí eu já estava pensando, é a última, deu, acabou, quero terminar. Mas ai esses dias eu tava olhando, e seria legal fazer o outro braço também e tal. Mas eu não sei, talvez sim, talvez não.*

### **Tu acha que vale a pena passar a dor, por uma questão que tu gosta, porque vai ficar bonita?**

*R.: Sim! Sim! É uma dor, mais é uma dor suportável. É tranquilo. E é um lance que eu sempre quis fazer, sempre, sempre quis fazer. Então a dor é a menor parte.*

### **Então de maneira nenhuma tu se arrependeu de fazer?**

*R.: Não, não! De maneira nenhuma! Eu adoro ela! Eu sempre to olhando, passo na frente do espelho, e fico olhando.*

### **Se tu fosse escolher para fazer outra, seria no outro braço, mesmo sendo em um lugar aparente?**

*R.: É, não tenho vontade de fazer em um lugar que não aparece. Eu gosto do lance da estética da tatuagem.*

### **Não te importa então o olhar das pessoas?**

*R.: Não, acho legal pra caramba! Acho bem legal!*



## APÊNDICE C – ENTREVISTA COM MAURICIO MEIS ALVES E REGIANY SCHIESTL SILVEIRA

### **O que é tatuagem para ti?**

*Regiany: É estilo de vida. Antes de conhecer o Mauricio, porque tatuagem para mim, tem muito a ver com o meu relacionamento com ele, entende; porque eu conheci muito mais depois que me relacionei com ele, que era tatuador, eu fui cliente e tal. Mas depois que tu passa a entender a tatuagem não só como adorno, não só como enfeite, não só como correção de defeito, porque para algumas pessoas isso é também, que tu passa a trabalhar com isso, é muito estilo de vida. Porque tudo que tu faz tu pensa voltado a tatuagem, tu pensa que isso pode ser um desenho para ti, tu pensa que isso pode virar uma tattoo para alguém, tu pensa depois que vai trazer benefício ou malefício, entende? Então além de ser apaixonada por uma arte que é milenar, de você querer conhecer o mundo, de você querer conhecer a técnica, você querer conhecer estilos de desenhos, de você querer conhecer tatuadores, entende. É paixão a todo momento, é sempre inovação, é estilo de vida. Definitivamente essa é a melhor definição.*

### **Tu trabalha com isso a quanto tempo?**

*Regiany: Eu trabalho com isso a seis anos, que a gente montou o estúdio em Criciúma, e eu comecei a tatuar fazem quatro anos, mas que eu trabalho, que eu conheço, que pesquiso, e que tu entende, e que tu pesquisa pele (...) a quantidade de talentos na tatuagem para quem é leigo no assunto, não se imagina o que se pode fazer com um pedaço de pele e uma agulha, entende. Antes, a algum tempo atrás, tinha tipo vinte nomes de grandes tatuadores unânimes em quem começa a tatuar, que realmente se interessa em conhecer o mundo; hoje a cada dia tu vê surgir, tatuadores que tu conhece também com globalização de internet, e tal, você vai se surpreendendo sabe, é incrível. E cada vez a gente pretende continuar, porque tu sempre quer melhorar. Mas faz seis anos que estou com isso, e que comecei a me tatuar; eu comecei a me tatuar com 18, hoje eu tenho 27, e que eu ativamente trabalho com isso fazem 6 anos.*

### **Nesse tempo, como foi para tua família ver todas essas tuas modificações com o tempo?**

*Regiany: É chocante sempre, não tem como não dizer essa palavra. Só que nem sempre chocante é para o lado negativo, porque tinha muito aquilo (...) eu sou filha de pais muito conservadores e tradicionais, os dois são professores. Eu sou a mais nova de 4 irmãos, que nenhum deles se tatuou antes, nenhum deles trabalha na área, são profissões completamente diferentes. Quando eu iniciei isso eu fui de verdade, não fui devagar. Eu conheci o Mauricio, a gente ficou junto eu sai da casa dos meus pais, a gente veio montou o estúdio, tudo isso em questão de 6 meses. E comecei a me tatuar, e fui me tatuando, me tatuando, fazendo o que eu quis, e fui apresentando a eles as minhas modificações, a minha modificação como pessoa. Só que eles também foram acompanhando que não é pelo motivo de se tatuar que você se rebelou; porque para algumas pessoas está atrelado exatamente a isso, a rebeldia com essa modificação. Não desmereço quem se modifica por rebeldia, só que no meu caso foi diferente, foi tudo muito intenso. Só que no mesmo tempo que eles observaram que eu me modificava, o começo foi mais restrito, enquanto eles imaginavam que eu pudesse seguir algum outro tipo de profissão, que pudesse ser um problema, que eu pudesse ter rejeição, eles ficaram mais ansiosos com isso. Depois que eles perceberam que eu construí uma vida, e que eu tenho uma vida, e que você constrói um lugar para trabalhar, que você se mantém, modificada*

do jeito que é, eles me respeitam muito hoje. Passou uns dois anos, e eu ia para casa do meu pai, porque a gente mora em cidades diferentes, então quando se via naquelas datas eu sentia que ele praticamente não me olhava. A gente conversava, a relação se manteve sempre a mesma, só que ele não vinha e me falava “ah, o que tu tem aí? O que é isso, o que não é?”, de perguntar. Ai chegou um momento em que Le viu que eu me mantive, cada vez mais firme como pessoa, cada vez me desenvolvendo mais e passou a me respeitar muito, e chegou o momento que ele chegou que ele disse “Então ta, vem cá!”; e foi muito interessante, até porque eu mostrei o que eu tinha de tatuagem para ele, ele perguntou, teve duvida, não teve, viu meu material de trabalho, viu eu tatuar; então perguntou se podia pegar a minha máquina na mão, e isso também foi “ah, mas eu posso pegar?” pra ter essa (...). Então eu nunca fiz assim “Ah pai, eu posso me tatuar?”. Não! Quando eu fiz 18 anos eu fui me tatuar, me tatuei, só que eu não chegava pra ele e dizia tipo, de esfregar na cara. Eu fiz para mim, se tinha abertura de ele querer ver eu mostrava, se não eudeixava, então, á partir do momento em que ele “Ah então ta, vamos ver!”. Pronto, hoje não temos nenhum tipo de problema, tanto que a gente nunca teve discussão por causa disso, porque ele também observou que o que eu fiz de modificação em mim não foi só por fora, mais foi por dentro, e isso veio com responsabilidade. Então quando ele viu isso, ele respeitou, e ele aceita, sem problema nem nada. Ele só não quer que eu tatue os dedos (risos) ele disse que o dedinho não.

**Achas que de certa forma era um medo do que as outras pessoas iam pensar de ti?**

Regiany: Também! Porque alem de eles morarem em uma cidade pequena, que tem como 8.000 habitantes, ele era professor, e tinha muito aquela visão de, uma vez ele falou para mim “Ah, eu acho interessante tatuagens pequenas, mas não entendo porque as pessoas tatuam partes do corpo inteiras.”. Só que ele também, como a maioria das pessoas, ignoram o fato de conhecer toda essa cultura da tatuagem. Via isso a primeiros olhos, como a maioria das pessoas veem como aquele lance de rebeldia. Como a gente conhece a maioria das pessoas faz isso, eu que trabalho com isso, conheço clientes. 40% dos meus clientes se tatuam esteticamente, se tatuam de fora, não é uma coisa dentro, que daqui a alguns anos vão se arrepender, e que estão fazendo isso para confrontar alguma coisa. Então, ele não parava para observar, a arte que tem por trás disso, de não se permitir observar esse tipo de coisa, e também, ninguém nunca tinha levado para ele esta questão. Mas depois que você consegue quebrar aquela barreira e conversar, mostrar o além, pronto, acabou, não tem problema. Ele não vai se tatuar, não chega a tanto, também pela questão da dor e tal, mas tinha isso também, imagina que esta relacionado a droga, imagina que as outras pessoas, imagina que tudo assim sabe. Eu senti muito issoneles, eles nunca chegaram e disseram isso diretamente, mas tu sente que é por isso. Mas hoje, ele faz o contrario, ele faz propaganda a favor, teve episodio que a gente fez algumas fotos para revista, ele não me contou isso, mas a minha mãe disse que aonde ele ia ele andava coma revista no carro e mostrava as tatuagens. Justamente isso, a ponto que teve o contato, que vê que aquilo pode realmente ser de verdade, pronto, quebrou o preconceito. Porque meu pai era muito preconceituoso, de fato. Eu lembro que a primeira tattoo que eu vi, na minha vida, eu devia ter o que, 3 anos de idade, a gente estava numa piscina, coisa de domingo de família, e o rapaz tinha um negocinho deste tamanho, tatuagem pequeninha, nossa! Muito tempo isso, devia ser 1990 no máximo, e meu pai mostrou tipo “Olha aquilo lá é uma tatuagem.”, com aquela voz severa, cara braba, e eu pensei “Meu deus aquilo é uma tatuagem!”. Mas tu imagina, tu era criança, cidade pequena tu não via muita

gente tatuada, tu não via isso, não tinha. Não sei se por causa daquilo, mas eu sempre quis fazer, eu sempre quis fazer alguma coisa, mas justamente para não confrontar, eu esperei minha maioria para poder ir fazer, podendo pagar, e podendo ter meu documento e apresentar “Não, vou fazer sem precisar dele.”. Mas quebrou, totalmente quebrou, foi, um caso de preconceito quebrado foi a minha família, com certeza.

**Tu acha que o preconceito é porque as pessoas não chegam a conhecer e ir a fundo nisso?**

*Regiany: Exatamente! A população de tatuadores e de pessoas que levam isso para o modismo hoje faz o preconceito acontecer. Porque vulgariza (...) eu conheço muita gente que hoje que tem 50% do corpo tatuado e que não conhece de verdade o que é tattoo, tem essa diferença também. Eu conheço tatuador que não conhece tattoo de verdade, que não parou para conhecer a história, que não parou para conhecer os grandes nomes da tatuagem. Acho que toda profissão tem isso, você tem a descrição da profissão, tem todo histórico dela, e tem grandes nomes de tatuagem que levaram isso adiante. A tatuagem como arte, nós temos pessoas aqui, de uma sensibilidade e de uma visão, que conseguem trabalhar com a anatomia do corpo e desenho de uma forma impressionante; que você não tem como não se admirar com isso, mesmo quando você não conhece, quando não tem uma abertura de conhecer, você já acha aquilo incrível, que fascina. Acho que para quem tem um pouco de sensibilidade isso fascina. Só que aquelas pessoas que veem de fora e falam “nossa tatuou, não sei o que”, tatuou nome, tatuou tal. Tem gente que fala que só porquemulher fez tatuagem em determinado lugar do corpo já chama de “não sei o que”. As pessoas são bitoladas afinal, e já por ser bitoladas, e por falta de cultura, de não conhecer a tatuagem também tem preconceito. De achar que determinado tipo de desenho esta relacionado a alguma coisa, e é muito amplo isso, não quer dizer, não tem nada estritamente ligado a nada. Mas tem bastante preconceito sim, no que tange a não conhecer o que realmente é tatuagem, de um dia parar e falar com um tatuador que conheça referencias e conheça um pouco de mundo que seja relacionado a isso, vai ver que é, as pessoas podem até se sentir menores pensando “meu deus, quanta coisa eu estou perdendo (...)” porque eu vejo muitas pessoas que ignoram pessoas tatuadas, selecionam como arroz: tipo 1 e tipo 2. E não é assim, né!*

*Mauricio: E ao mesmo, hoje em dia isso ja mudou tanto, que hoje tu ve gente trabalhando em loja, até mesmo área da saúde, ou em diversas outras áreas sem problema algum. Claro que vai sofrer preconceito de um ou outro que passa nesses lugares, mas ao mesmo tempo já não é mais aquela loucura de “ah, não vou te dar emprego porque tem tatuagem”.*

*Regiany: Em algumas áreas né!*

*Mauricio: Tanto que ontem, a gente escutou a respeito disso. Um individuo veio aqui se tatuar, e “ah não tem problema com teu trabalho, vai tatuar a mão?” “a não meu patrão ja falou no dia que eu fui fazer entrevista de trabalho, e eu fui com camiseta de manga comprida porque tinha tatuagem no braço, e ele disse “ah não a gente não olha pra isso”. Então querendo ou não isso esta diminuindo, mas sempre tem alguém querendo ou não que vai sofrer por isso e vai dizer “ah eu não admito isso, e não admito.”*

*Regiany: Mas eu ainda acho que o que as pessoas sofrem de preconceito, o próprio publico é culpado por isso. Porque como hoje “esta na moda”, que tem mais abertura, se você olhar em grande mídias que tem alcance, se olhar no povo ai da novela tem tattoo, que não sem quem tem tattoo, e não sei o que tatttoo. Eu*

*sinto que algumas pessoas que vem tatuar, porque tem a obrigação de ser tatuado hoje. Eu já escutei “ah o que esta na moda pra tatuar hoje” “o que esta mais saindo para tatuar”, são coisas que eu já fui vendedora de roupa, e é o mesmo tipo de interesse na roupa. A roupa que mais vende, pra tattoo que mais sai, só que a roupa que mais vende depois ele vai deixar na gaveta, e a tattoo que mais sai, vai ficar aquilo que não combina com a pessoa. Eu sinto isso, que as pessoas de fora também sentem, as vezes aquela pessoa carrega uma tattoo que ela não aguenta mais e isso pode gerar preconceito, porque se pergunta “poxa porque fez isso se não tem a ver contigo?”. O publico também se permite sofrer preconceito com isso, desse respeito de não total identidade com a tattoo que carrega.*

**Quando o pessoal chega no estúdio, vocês conversam sobre essa questão de ter problemas no trabalho, preconceito, família, se isso tem a ver com a pessoa?**

*Regiany: Questiona sim, principalmente os mais novos, até uns 20 anos, que querendo ou não é um publico que procura bastante, e que poucas pessoas já tem definido o que vai fazer dali para frente, e não tem a real dimensão da mudança que pode ser depois, lugares que podem trazer problema, como braço, parte externa que não vai ter como cobrir, a gente até questiona e pergunta. Até quando é menor de idade eu induzo a maioria das pessoas a não tatuar, se chaga com 15, com 14 mesmo jamais. Agora tem a lei estadual que só pode tatuar acima de 16 anos então, já tem uma diferenciada. Mas é sempre bom fazer este alerta. Muito ruim (...) já nos procurou pessoas que vieram aqui fazer cobertura ou reforma, que carrega a tatttoo, eu sinto que é tão pesado, que é um fardo tão difícil de manter, porque ta ali e não tem como tirar. E eu como profissional não quero isso a ninguém, eu quero que as pessoas façam a tattoo e que aquilo traga boas lembranças, e que faça parte da vida, e que mostre a evolução dela como pessoas, ao invés de todo dia que ela tenha aquela tattoo que ela não gosta, ou que incomodaram no emprego, ou que ela teve que tirar porque não sei o que, e lembrar que foi eu que fiz, principalmente.*

*Mauricio: Ou a gente diz, tu gostou de tal desenho, mais tu tem 18 anos, quem sabe quando tu tiver 30, tu ainda vai gostar disso? Tem certeza que vai continuar gostando disso? É isso que tu quer? Porque a maioria das pessoas, inclusive mulheres, chegam perguntando “Ai, o que tu me indica pra fazer?”. Elas querem se tatuar, por algum motivo ou por outro, mas elas não sabe nem porque nem o que, e nem onde, só querem fazer.*

*Regiany: Mas isso a gente consegue mapear bem o cliente com 18 anos, que chegou aqui com seu desenho, lugar definido, e com certeza de que quer fazer, que aquilo vai se manter para aquela pessoa com o mesmo significado sempre. E já tatuei gente com desenho muito menor, que tu sabe que é muito volátil, a vida muda, a gente muda, a nossa cabeça muda, a gente agrega, você desagrega coisas, só que a tua essência não muda. E tem pessoas que a primeira coisa que muda, quando a vida muda, é o gosto pela tattoo. Na primeira conversa que tu tem, no primeiro olho no olho, se não te olhou no olho, se desviou o assunto, se quer tatuar e ponto, se quer tatuar porque é a foto do outro que quer igual. Isso acontece muito trazer a foto pra galera tatuar igual, então tu sente que é mentira, tu tem que alertar, tu faz o documento, a pessoa assina, mas se eu percebo que a coisa não vai para frente eu não tatuo. A gente se dá essa (...) se não rolou química, aquela empatia, se tu sabe que não vai dar certo, se a pessoa isso, se a pessoa aquilo, não tatua, deixa. Depois tu ve a pessoa tatuada, mas ai a tua parte de consciência tu fez, de dizer “ta, vem aqui, vamos conversar.”. Mais é importante fazer esse alerta. A pessoas as vezes pode parar e refletir um pouco, porque a tattoo pra gente,*

queconvive com isso, ela é definitiva, a gente não trabalha com hipótese se tattoo que não é, trabalha pra ser um processo definitivo. Não trabalha pra fazer cobertura, não trabalha pra tirar com laser, não pra, é sangue, é tinta e é momento, é aquele momento de fazer, a magia de fazer, então não gosto muito dessa ideia do “ah, tem como tirar, tem como cobrir, tem como esconder.”

*Mauricio: Isso, antes de fazer já ta fazendo esse tipo de pergunta.*

*Regiany: Prefiro trabalhar com a ideia do definitivo e ponto, ao invés de deixar a porta aberta pra depois recurso que só vai trazer problema. As pessoas não tem consciência disso, e se conseguisse conscientizar que se fez a tatto e não gostou dela, vai passar muito trabalho, mas passar desconforto, muita dor de for tirar, e muita grana, muita grana! Tem gente que acha a tattoo cara, e se for remover depois vai gastar 10x mais que fez. Mas esse alerta é sempre feito, principalmente quando se sente a volatilidade da pessoa. Tu como profissional que constrói um momento, constrói um desenho, que faz a pessoa sentir dor na tua mão, isso não é simples de aguentar, você tem que canalizar muito a tua energia, para não sofrer com a pessoa, e tu tem que ter sangue frio, e saber do sofrimento da pessoa, pra no dia seguinte ela ligar para cá, dizendo que com aquela tattoo ela não é mais ela, é terrível!*

**Vocês já sofreram alguma agressão, seja ela verbal ou não?**

*Mauricio: Na rua, no restaurante, em supermercado, no shopping.*

*Regiany: Sempre. Eu já passei por situação de estar me servindo no buffet e uma moça de meia idade de religião evangélica e dizer que ia ter pesadelo aquela noite. Já de homem passar e dizer “meu deus!”. Uma senhora, me parou, saiu da loja, veio me dizer “porque jesus mandou eu conversar contigo, porque tu tem que ter deus no teu coração”. E eu questioneei ela, dizendo que “eu tenho deus no meu coração, não tenho problema nenhum com deus, não tenho nada, não deixo de acreditar em nada. “ah, porque eu que bairro que tu mora, tem uma igreja no teu bairro”, e ela segurava no meu braço, e eu soltava, e ela pegava de novo no meu braço e eu soltava, “tu tem que ir para igreja!” e eu disse “não minha senhora, eu sou espírita cardecista” quando eu falei isso pronto! “a senhora solta meu braço porque eu tenho que ir, estou ocupada”, ela segurou meu braço de novo e eu dei um grito (risos) “solta meu braço, não me segura, que eu nao gosto que me segurem!”. Mas acontece assim, principalmente as pessoas de religião. É uma coisa que acontece todo dia, das pessoas desviarem da calçada quando você passa, como se você fedesse, como se você tivesse alguma doença contagiosa e pudesse passar. Quando tem pai, mãe e filho, eles passam em fila indiana, passa la no cantinho da calçada para não passar perto de você. Mais de destratar e falar, ele mesmo teve muito, de um rapaz dizer que ele era um escravo, e não sei mais o que. Mas a maioria das pessoas que fazer essas manifestações são de religião, de religião digo essas taxativas. Só que te taxam muito na rua, e isso me incomoda. Eu não tenho preconceito, só que eu tenho aversão a esse tipo de comportamento hoje, porque acontece muito. Já passei por uma mulher cantando música de deus, ai passei por ela, e disse “se deus faz milagre também vai resolver isso aí” apontando pra mim e cantando, em uma melodia. Eu olhei e disse “nossa que feliz, cantando no meio da rua” bem inocente, com a bochechinha rosa, daqui a pouco “vai resolver isso também”. Eu não convenço ninguém a se tatuar, muita gente nem merece ter tattoo, não quero que ninguém se modifique, não faço isso de propaganda para os outros, só que eu faço, e eu faço para mim eu não faço para os outros. Tu quer sentar comigo e conversar, a gente vai conversar horas a gente pode discutir o que for, mais ofender e falar bobagem como já me falaram isso me deixa muito desacreditada do ser humano. Porque não me conhece, não sabe o que eu faço, não*

sabe como é duro meu dia a dia, o que eu levo minha vida, e mesmo assim não tem nada a ver comigo, e não me acrescenta em nada como pessoa e ainda vem me apontar o dedo e dizer que eu sou tal coisa, ou tal coisa. Isso é realmente o lado do preconceito que a gente sente, sente todo dia, eu sinto em Criciúma, sinto em cidade de interior, tu sente isso andando em São Paulo, tu sente isso em todos os lugares. Uns menos, outros mais. A contra ponto tem pessoas que vem, não que teu ego precise tanto disso, porque como eu disse, eu faço isso para mim, pessoas que vem e te elogiam pelo teu caráter de conseguir ser modificado. Tem muita pessoa que é interessante também, que faz tu entender, e tentar acreditar um pouco mais no ser humano, que muitas fazem você ficar um pouco triste. Além dos atos físicos o olhar acho que é o mais triste que o ser humano passa: olhar de desprezo, olhar de nojo, olhar de medo, olhar de tentando de colocar para baixo, olha fazendo tu se sentir inferior. Por isso que eu digo, se a pessoa quer se transformar, porque qualquer mudança que tu faça no teu corpo está se transformando, se a pessoa quer se transformar, e não imagina tudo que esta por vir depois disso, e essa transformação não veio de dentro de verdade, de conseguir aguentar esse tipo de coisa, pira. Tanto que eu conheço no mundo de transformação, vários piercers que fizeram implante, que ai é uma coisa muito mais extrema, implante, transformação mesmo, bifurcação da língua esse tipo de coisa, tem uns cinco já que se mataram ne?

Mauricio: Sim!

Regiany: Tinha até aquela mulher leopardo, não sei se tu conhece, que tinha feito dente, colocou rabo, semana passada se matou. Olhar mesmo é o mais fatal, me deixa assustada com o que o ser humano pode fazer, o tão condenatório pode ser um olhar, sendo que tu ta só vivendo a tua vida, tu não esta fazendo ações que possam interferir no bem comum. Tem coisa que o ser humano passa despercebido. Tem gente que agride muito mais as pessoas como um todo e não recebe o olhar que eu recebo. Mas o que realmente é apaixonante na tatuagem é o desenvolvimento dela na pele, pela arte que aquilo carrega, e acho também que por você conseguir carregar o teu momento da tua vida na pele, e conseguir conviver com aquilo depois. É uma coisa que você consegue fazer varias reflexões acerca do que você é com isso. Tem coisa que eu me tatuei com 18 anos, que eu não tatuaria hoje, ela não me incomoda, ela ta ali, ela vai continuar ali, eu gosto dela. Principalmente quando você fora agregando vida a sua vida, você vai ter que lembrar. Às vezes acontece de você recordar momentos assim, você esta numa coisa, daqui pouco você olha e fala "eu fiz isso em tal mês, que aconteceu tal coisa". Realmente, você se tatuar, é isso, você tem que estar em contato direto com a sua vida, e você lembrando daqueles momentos, se foram bons ou se ruins, de eles serem bons se você conseguir conviver com a saudade que aquilo vai te trazer, de serem ruins e você conseguiu conviver com aquela lembrança que as vezes te atormentam daquilo, de você conseguir desapegar as vezes do que te traz de ruim, e conseguir passar para frente o que te traz de bom. As pessoas fazem muitas coisas na vida que não conseguem conviver depois, seja por bom, seja por ruim, seja pelo que for, e tatuagem vai refletir isso, de você conseguir conviver com que você fez na tua vida, marcado na tua pele. É bem gostoso de você conseguir viver numa boa e dizer para as pessoas que isso vai acontecer, influenciar de elas conseguirem passar por essa fase ou não.

## APÊNDICE D – ENTREVISTA COM CAROLINA MACHADO NASCIMENTO

### **O que é tatuagem para ti?**

*R.: Eu me identifico assim, como se fosse arte na pele. Eu fiz a minha primeira tatuagem com dezesseis anos, então depois eu comecei a fazer várias, com coisas que tinham significado para mim. Tipo, eu tenho três, uma eu ainda estou fazendo: uma é a caveira mexicana, a tatuadora na perna; não chega a ter muito significado, mas são coisas que eu gosto, que fazem parte da minha vida, e depois de feita como não tem como tirar, acaba se tornando parte de mim mesmo, como se fosse um membro do meu corpo.*

### **Então elas tem a ver com a questão da tua identidade?**

*R.: Sim! Até uma questão de personalidade e tudo mais.*

### **Tu não tatua por estética?**

*R.: Não, não! Nenhuma delas acho que é por estética.*

### **Tu já sofreu alguma forma de preconceito?**

*R.: Várias! É o que mais acontece! Tanto dentro de casa, na minha própria família, até meus padrinhos, depois que eu fiz a minha tatuagem do peito eles pararam de falar comigo, e tipo, eu fiz com dezesseis, e já faz uns (...) não sou boa com contas. Mas desde os meus dezesseis anos eles não falam comigo, só um “oi” quando se encontra. A minha mãe não ligou, foi ela que pagou a minha primeira tatuagem. E depois com relação a emprego, que acho que é o que mais prejudica quem tem tatuagem. Eu procurei vários empregos, e ganhei muito “não” por causa de tatuagem. E agora por exemplo, eu tive que tirar meu alargador, e cinquenta por cento do motivo foi preconceito, porque como eu faço licenciatura, eu sei que não vai ser fácil para mim, como professora, ter um alargador do tamanho do que eu tinha. Daí, eu conversei com a minha mãe, a gente procurou uma clinica e fez a cirurgia plástica, mas porque? Por causa do preconceito, não é fácil, nada é fácil para quem tem tatuagem e alargador.*

### **Tu pretende se tatuar mais?**

*R.: Pretendo terminar a da costela que eu to fazendo, e fazer alguma coisa atrás da coxa. No fim a gente nunca pretende fazer mais, mas sempre vai fazer. Eu quero fazer uma do outro lado costela também, nas costas.*

### **Não te arrepende de nenhuma das que tu fez?**

*R.: Não, não, até porque não tem nem como tirar, né? Mas eu não me arrependo não.*

### **Porque tu acha que tem tanto preconceito?**

*R.: Acho que principalmente pela influencia do pessoal que (...) sei lá, eu acredito que geralmente a pessoa que tem tatuagem é julgado como um ex presidiário, por exemplo. Então deve ter um preconceito pelos presidiários que se tatuam, na cadeia; não sei o que eles pensam, porque isso não influencia em nada na tua capacidade de comunicação, de passar algo para alguém. Eu acredito que é isso, a pessoa que tem tatuagem é vista como um marginal.*

### **Achas que o pessoal que faz tatuagem por estética, vulgariza quem faz por identidade?**

*R.: Eu não sei, porque assim, ultimamente tenho visto muita gente com tatuagem, desde umas tatuagens enormes, até umas bem idiotas, tipo aquele símbolo do infinito que todo mundo tem. Eu acho até legal que a pessoa faça, por mais que não tenha significado, por que quanto mais pessoas tiverem tatuagens, mais o preconceito vai acabar. Então, eu não tô nem ai pra eles, quero mais é que todo mundo faça tatuagem mesmo e que isso ai acabe.*

## APÊNDICE E – ENTREVISTA COM BÁRBARA FERNANDES COSTA

### **O que é tatuagem para ti?**

*R.: Arte! Não é uma expressão de alguma coisa sabe, é um trabalho bonito que eu decidi passar pro meu corpo. Um desenho legal, bonito, a maioria sem significado, só pela beleza, pelo desenho, pela arte dele mesmo.*

### **Então as tatuagens que tu fez foram estéticas?**

*R.: Estético!*

### **Nenhuma delas tem significado?**

*R.: Duas, tenho duas frases tatuadas, que no caso frases não tem como não ter um significado. Mas o resto dos desenhos é só estético.*

### **Depois de feitas nenhuma chegou a ter algum significado, do tipo ligado a alguma fase da tua vida?**

*R.: Não.*

### **Tu já sofreu alguma forma de preconceito?**

*R.: Direto assim não. De ir em algum lugar, e ser mal atendida (...) não pela tatuagem talvez, mais pelos alargadores. Eu acho que eu sofro mais preconceito pelos alargadores que pelas tatuagens em si.*

### **Tu pretende se tatuar mais?**

*R.: Imagina! Muito!*

### **Como acontece o processo de escolha das tuas tatuagens?**

*R.: Basicamente é alguma ideia que eu tenho (...) sei lá, quero fazer uma coruja, aí eu vou e procuro vários desenhos, até que eu escolho um que eu gosto mais. A mesma coisa foi com a de âncora, “aí que legal, acho que vou fazer uma âncora” aí eu vou e procuro vários desenhos de âncora, e escolho que eu gosto mais. Aí as vezes eu vou procurar uma coisa, antigamente eu queria fazer uma rosa, e acabei caindo em outra coisa, e aí vai fluindo, vai procurando um desenho, e procurando outro, até que chega em um desenho que “meu deus, eu tenho que fazer esse desenho!”.*

### **Porque tu acha que tem preconceito?**

*R.: Olha, a maioria porque relaciona a “juventude rebelde”, assim “meu deus aquela menina tá toda tatuada pode ter certeza que não fez nem o ensino médio”. As pessoas geralmente falam sem ter conhecimento sem imaginar que estudou, trabalha, acha que vive marginalizada.*

### **Na tua família teve algum problema quando você começou a fazer?**

*R.: Meu pai só. Ele não gostava. Quando eu fiz a primeira ele aceitou muito bem, mas depois ele começou a achar exagerado, porque logo em seguida da primeira eu já fiz mais duas. Aí hoje ele já nem liga mais, “é isso que ela quer”, então, fazer o que? Não dá mais para tirar! (risos) Mas o resto da família, ninguém nunca falou nada que não gosta; nem minha mãe, meus avós, meus tios, nada.*

### **Tu acha que esse valor estético, acaba vulgarizando, que usa a tatuagem como identidade?**

*R.: Não, tem gente que prefere tatuar só coisa com significado, mas geralmente quando tu tem muitas, ou faz, não tem como tu focar só na tatuagem com significado. Pode ter um significado, mas não relativo a ti. Se procurar as minhas tatuagens vão ter um significado, mas não um significado para mim; a coruja é o símbolo da sabedoria, mas não que tatuei por causa desse significado.*

### **Querendo ou não você não vai tatuar uma coisa feia em ti, só porque ela tem significado?**

*R.: Isso!*



**Como tu escolheu o profissional para fazer a tatuagem?**

*R.: Internet! Eu não conhecia, queria fazer, tinha acabado, tava pra fazer dezoito anos, meus pais não iam autorizar. Ai fui procurando, e procurando aqui na região e encontrei o Fábio. No inicio eu queria fazer uma estrela, e a coisa mais importante que eu olhei, que para fazer uma estrela você tem que ter o traço bem certinho e tal, aí eu olhei o trabalho dele e era muito bom, e o traço dele ficava bem retinho. Estrela torta não tem mais como consertar, tem só que ir aumentando ela. No fim das contas não fiz as estrelas, mas é o mesmo tatuador. Fiz todas com o mesmo.*

**Tu acha que vale a pena se tatuar mesmo diante da dor que se sente?**

*R.: Sim, eu acho que se tu perguntar para o ciclista se vale a pena pedalar quilômetros apesar da dor, ele também vai dizer que vale a pena. É uma dor, mas que te traz uma recompensa. Se tu acha bonito e tá se sentindo bem, recompensa. É a mesma coisa que passar horas na academia. Acho que vale a pena.*

## APÊNDICE F – ENTREVISTA FÁBIO PEREIRA

### **O que é tatuagem para ti?**

*R.: Geralmente tatuagem se trata apenas como uma arte corporal, um adorno definitivo, que geralmente é feito por questão de estética. Além de arte corporal, eu enxergo tatuagem de outros pontos; tatuagem para mim é tabu, ela é beleza, ela é preconceito, ao mesmo tempo ela é repúdio, é prazer, enfim (...) eu obviamente não vejo a tatuagem de um ângulo a não ser do lado positivo, além de tudo para mim, tatuagem é um estilo de vida. É onde eu vivo dentro disso tudo, desde o ponto positivo até o lado negativo, obviamente dependendo do ângulo de visão de terceiros.*

### **Como foi a aceitação da sua família pelo seu estilo de vida?**

*R.: A minha família sempre me apoiou em todas as minhas decisões, então eu não tive nenhum problema enquanto a isso. Sempre existem algumas pessoas que querem te ver ficar pra trás, mas esse também não foi o problema. Eu só tenho curiosidade em saber o que meu pai iria achar, pois fazem dez anos que eu estou sem meu pai, e ele não gostava muito de tatuagem nem de piercings. Mas eu acredito que quando ele visse que a minha profissão é digna, e eu vivo disso, eu tenho certeza que ele também iria me apoiar.*

### **Éis um pai de família, como a tua filha lida com as tuas tatuagens?**

*R.: A minha filha se diverte muito e eu também acho muito divertido. Minha filha tem três anos de idade, e eu ainda tenho algumas tatuagens que estão pra terminar, e algumas vezes ela pegou as canetinhas hidrocor dela, e ela mesma coloria as minhas tatuagens que estavam só no traço. E algumas vezes eu também tive que dar banho nela, porque encontrei ela toda riscada de canetinha me dizendo que tinha acabado de fazer “tatuagens”. É muito divertido, ela gosta bastante.*

### **Pretende se tatuar mais?**

*R.: Até então eu tenho duas tatuagens, que é o braço esquerdo fechado, de ombro ao pulso, e tenho uma tatuagem na perna que ainda está inacabada. E eu pretendo terminar essa da perna e também pretendo fazer o símbolo do meu estúdio, que é um triangulo, tipo uma placa de transito, com o símbolo da tatuagem, que é a maquina de tatuar, e eu pretendo fazer ela em alguma parte do meu corpo, mas ainda não tenho isso decidido. Eu sou bem paciente, por questão quando decido fazer alguma tatuagem, porque até como eu trabalho com isso, eu vejo vários desenhos que me chamam a atenção todos os dias, e acho que se eu não me controlar vou acabar me riscando inteiro. Então, pretendo me tatuar sim, mas acho que vai levar mais um tempo, e com certeza a próxima tatuagem vai ser o símbolo do meus estúdio, talvez eu faça algo para homenagear a minha filha, mas também ainda não sei o que. Mas pretendo me tatuar sim!*

### **Já sofreu algum preconceito? Alguma história inusitada?**

*R.: Eu não lembro de nenhuma situação de ter sofrido preconceito pelas minhas tatuagens. Mas me lembro de uma vez que fui procurar emprego, e tatuagens era um fator determinante. Mas na verdade isso foi mais por questão de ética da empresa que estava me contratando que preconceito. Me perguntaram se eu tinha tatuagens aparentes, naquela época eu ate tinha, mas mesmo assim consegui o emprego por outros fatores: pelo meu potencial e não pela minha aparência. Mas outra situação que passei até, foi de um senhor, que me chamou uma vez quando fui buscar minha filha na escolinha, e ele me falou que deus não iria me deixar entrar no reino dos céus porque eu não tinha tatuagem. Mas eu simplesmente não liguei,*

*porque a minha religião é fazer o bem, e se um dia eu tiver que ser julgado, meu coração que vai ser julgado e não a minha aparência.*

**Você vê em seus clientes maior procura de tatuagens com algum significado, ou só estético?**

*R.: A procura maior de desenhos ali no estúdio é por questão estética. São poucos os clientes que trazem os desenhos com algum significado pessoal, geralmente tem significado quando é alguma escrita. Normalmente fazem alguma escrita que tenha algum significado de força, de fé, ou coisas desse tipo. Mas a procura maior é pela questão estética.*

**Achas que a tatuagem só por valor estético vulgariza o valor da tatuagem como identidade?**

*R.: Sempre achei que toda tatuagem bem feita, ela é arte; então toda arte tem seu valor, mesmo que seja por motivo de estética ou algum significado. E mesmo quando é feita por questão de estética eu acho que ela leva um pouquinho da personalidade de cada um, então se tu for analisar, uma pessoas que faz uma tatuagem grande ou pequena, ou uma tatuagem mais agressiva de caveira, ou uma tatuagem mais delicada de flores e borboletas, enfim, já consegue mais ou menos identificar como é o estilo daquela pessoa ou do que ela gosta, consegue ao menos imaginar. Então mesmo que seja apenas por valor estético a tatuagem que cada um faz leva um pouquinho da personalidade de cada um; e eu acho que ela não consegue vulgarizar o valor real da tatuagem por questão cultural ou de identidade não.*

**Porque achas que existe o preconceito?**

*R.: Enquanto existir a ignorância, enquanto existir pensamento estúpido vai existir o preconceito. Até porque o preconceito não está só na tatuagem, está na cor da sua pele, está no sexo, está na religião, está no time de futebol até na musica que você curte. E interessante que a palavra pré-conceito e apalavra preconceito, apesar de parecidas tem significados diferentes, onde o pré-conceito é uma pré-ideia que tu formula sobre um determinado assunto, que tu não tens um conhecimento, Então uma pessoa preconceituosa quando vê uma pessoa cheia de tatuagens, ela só vê o lado de fora, só vê a aparência, mas ela não sabe dizer se aquela pessoa é uma pessoa com potencial, um ótimo profissional, e que ela te quer bem, e que ela só está ali para te ajudar. Se tu me perguntar se diminui o preconceito em relação a tatuagem, a minha resposta é sim. Eu acho que diminuiu. Um dia a tatuagem já foi mais marginalizada, hoje em dia ela é um pouco mais vista como arte. Mas enfim, se continuar existindo essas pessoas estúpidas, eu acho que o preconceito sempre vai estar andando ali do lado.*

**APÊNDICE G**  
**TERMO DE CONSENTIMENTO**  
**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DO PARTICIPANTE**

Estamos realizando uma pesquisa referente ao projeto intitulado “Fotografando preconceitos: uma reflexão sobre identidade cultural através da arte.”.

O (a) senhor (a) \_\_\_\_\_, documento número \_\_\_\_\_, foi plenamente esclarecido (a) de que participando deste projeto integrará um estudo de cunho acadêmico, que tem como um dos objetivos apresentar a instalação artística como possibilidade expressiva de expor os preconceitos sofridos por pessoas que através de modificações corporais expressam sua identidade cultural e divergem dos padrões sociais estabelecidos.

Mesmo aceitando participar do estudo, poderá desistir a qualquer momento, bastando para isso informar sua decisão aos responsáveis. Fica esclarecido ainda que, por ser uma participação voluntária e sem interesse financeiro, o (a) senhor (a) não terá direito a nenhuma remuneração. Desconhecemos qualquer risco ou prejuízos por participar dela, podendo o (a) senhor (a) solicitar informações durante todas as fases da pesquisa, inclusive após a publicação dos dados obtidos a partir desta.

**A coleta de dados será realizada pela acadêmica Kamila Soratto da Silva (fone: 9623-2649) da 8ª fase da Graduação de Artes Visuais – Bacharelado, da UNESC e orientado pelo professor Edite Volpato Fernandes.**

Para sua identificação dos dados na pesquisa, gostaria que você indicasse a forma que prefere:

- Nome completo ( )
- Somente as iniciais do nome ( )
- Outras letras ( )

**Criciúma (SC) \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2013.**

---

**Assinatura do Participante**

OBS: Os documentos originais estão com a pesquisadora.